
CID SEIXAS

DO SENTIDO

LINEAR

À CONSTELAÇÃO

DE SENTIDOS

Os mecanismos de constituição dos signos linguísticos, submetidos ao contrato social e às exigências de sistema de comunicação, impostas ao uso da língua, evidentemente, não são os mesmos de toda e qualquer linguagem.

Mesmo sabendo que diversos códigos antecedem ao domínio da língua, temos que reconhecer que, ingressando no universo linguístico, o olhar do animal simbólico está irreversivelmente dirigido por esse instrumento e por suas lentes de refração.

A série intitulada **Conhecer Pessoa** trata de questões da teoria do conhecimento e da arte, a partir das ideias estéticas e da criação poética de Fernando Pessoa.

Aqui estão, divididos em nove pequenos livros, os textos escritos por Cid Seixas a partir de uma pesquisa sobre a obra desse importante poeta da nossa língua e das suas diversas incursões pela filosofia e pelas ciências da cultura.

Observe o leitor que os autores antigos dividiam seus escritos em "livros", cujas dimensões correspondem às grandes partes ou grandes capítulos das obras atuais.

Para atender à dinâmica de textos breves na internet, adotou-se aqui a partição do material em livros, forjando um elo no tempo.

DO SENTIDO LINEAR
À CONSTELAÇÃO DE SENTIDOS

Copyright 2017 Cid Seixas
Tipologia Original Garamond, corpo 12
Formato 120 x 180 mm
136 páginas

Os livros da **e-book.br**
apresentam pontos divergentes
das normas da ABNT
visando maior clareza na informação.



E-mail:
cidseixas@yahoo.com.br

Disponibilização deste e-book:
<https://issuu.com/ebook.br/docs/5.sentido>
<https://issuu.com/cidseixas/docs/5.sentido>
<http://www.e-book.ufes.br>
<http://www.linguagens.ufba.br>

Cid Seixas

DO SENTIDO LINEAR
À CONSTELAÇÃO DE SENTIDOS



e-book.br
EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL



Conselho Editorial:
Adriano Eysen (UNEB)
Cid Seixas (UFBA/UEFS)
Alana El Fahl (UEFS)
Francisco Ferreira de Lima (UEFS)
Massaud Moisés (USP)

Livro I:

ESPAÇO DE TRANSGRESSÃO E ESPAÇO DE CONVENÇÃO

Livro II:

A CONSTRUÇÃO DO REAL COMO PAPEL DA CULTURA

Livro III:

A POESIA COMO METÁFORA DO CONHECIMENTO

Livro IV:

O SIGNO POÉTICO, FICÇÃO E REALIDADE

Livro V:

DO SENTIDO LINEAR À CONSTELAÇÃO DE SENTIDOS

Livro VI:

O ECO DA INTERDIÇÃO OU O SIGNO ARISCO

Livro VII:

A POÉTICA PESSOANA, UMA PRÁTICA SEM TEORIA

Livro VIII:

O DESATINO E A LUCIDEZ DA CRIAÇÃO EM PESSOA

Livro IX:

UMA UTOPIA EM PESSOA:

CAEIRO E O LUGAR DE FORA DA CULTURA



SUMÁRIO

1	Língua e cultura	9
2	A linha constelar	19
3	A linguagem inaugural	31
4	Passando pelo túnel do tempo	45
5	O signo poético, viagem de volta	75
6	Referências e bibliografia	89
7	Livros do autor	129

*Deus não tem unidade,
Como terei eu?*

Sê plural como o universo!

FERNANDO PESSOA

Sou os arredores de uma vila que não há, o comentário prolixo a um livro que se não escreveu. Sou uma figura de romance por escrever, passando aérea, e desfeita sem ter sido”.

BERNARDO SOARES

LÍNGUA E CULTURA

A linguística, enquanto ciência estrutural por excelência, foi alçada ao papel de piloto entre as ciências da cultura, tendo o trabalho de alguns linguistas servido para consolidar sua influência epistêmica. Deve-se a Jakobson a inclusão da descoberta freudiana, a psicanálise, entre as disciplinas da linguagem, conforme a leitura proposta por Lacan que, situando o homem no seu próprio espaço de convenção, a cultura, proclama: “Não há a mínima realidade pré-discursiva”. (Lacan, 1982, p. 46)

Mas é o mesmo Lacan, não obstante a natureza estrutural do seu pensamento, constituída em adesão ao estruturalismo linguístico,

que alerta para o perigo do imperialismo da chamada *ciência piloto*, quando ela tenta dar conta de objetos outros que não a própria língua:

“Um dia percebi que era difícil não entrar na linguística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto. Daí, fiz algo que me parece, para dizer a verdade, a única objeção que eu pudesse formular ao que vocês possam ter ouvido outro dia da boca de Jakobson, isto é, que tudo que é da linguagem dependeria da linguística, quer dizer, em último termo, do linguista. Não que eu não lhe acorde muito facilmente quando se trata da poesia, a propósito da qual ele adiantou este argumento. Mas se considerarmos tudo que, pela definição da linguagem, se segue quanto à fundação do sujeito, tão renovada, tão subvertida por Freud, que é lá que se garante tudo que de sua boca se afirmou como o inconsciente, então será preciso, para deixar a Jakobson seu domínio reservado, forjar alguma outra palavra. Chamarei a isto de linguisteria.” (Lacan, 1982, p. 25)

E acrescenta, no mesmo lugar: “Meu dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da linguística.”

Ver, mais adiante, no item intitulado “A linguagem inaugural” que Jacques Lacan, na verdade, antes de ouvir a sentença proferida por Jakobson, percebeu que a poesia, do mesmo modo que as manifestações do inconsciente trabalhadas por Freud, inscreve sua linguagem para além dos limites da língua.

Os mecanismos de constituição dos signos linguísticos, enquanto signos submetidos ao contrato social e às exigências de sistema de comunicação e informação, impostas ao uso ordinário da língua, evidentemente, não são os mesmos de toda e qualquer linguagem, enquanto atividade simbólica ontogenética. Se, a princípio, a língua parte da linguagem, enquanto faculdade; inversamente, a linguagem, como possibilidade semiótica, ou como conjunto possível de sistemas de ordem diversa, parte da língua, enquanto prática social – mas precisa ir além dela.

Pode-se mesmo concordar com os linguistas, defensores do império da sua ciência, ad-

mitindo que a língua é o ponto de partida para o homem, enquanto animal da cultura, marcado pelas cicatrizes da palavra, para o acesso à linguagem – constelação complexa de sistemas e processos. Mesmo sabendo que os diversos códigos e sistemas, quer visuais, sonoros ou de outra natureza, enquanto atividade simbólica do homem, antecedem ao domínio da língua, temos que reconhecer que, uma vez ingressado no universo linguístico, ou no ‘mundo dos homens’, conforme a expressão de Santo Agostinho (397, p. 176), o olhar do animal simbólico está irreversivelmente dirigido por esse instrumento e por suas lentes de refração.

O músico, ao deixar o universo dos sentidos formado pelo discurso verbal, para tocar os umbrais do universo harmônico dos sons plenos de sentimentos e emoções, mesmo quando pensa sua frase melódica, não está livre dos limites da língua. Seu sentimento, suas emoções, do mesmo modo que seu pensamento, foram previamente moldados pela língua do seu povo.

Já tivemos oportunidade de discutir o assunto no ensaio “A linguagem dos sentidos na poética musical de Stravinsky” (Seixas, 1978b, p. 26), bem como no livro *O espelho de Narciso* (Seixas, 1981, p. 123).

Sapir, na condição de homem de ciência e de artista (além de linguista ele era músico), nos apresenta reflexões fundamentais a respeito do assunto. Vale a pena, portanto, dar a palavra ao estudioso da palavra:

“Certos artistas, cujo espírito se move francamente no nível não-linguístico (ou, melhor, de generalização linguística), chegam a sentir dificuldade de se exprimirem nos termos rigidamente dados do idioma estabelecido. Tem-se a impressão de que eles forcejam por uma linguagem artística generalizada, uma álgebra literária, que está para o conjunto das línguas conhecidas como um simbolismo matemático perfeito está para as indicações matemáticas que a fala normal é capaz de ministrar. A expressão artística deles é frequentemente força-

da, soa às vezes como a tradução de um original desconhecido.” (Sapir, 1954, p. 220)

Assim, todo sistema que vai além do sistema linguístico, necessariamente, passa por ele, numa inelutável circularidade.

Magritte, através da pintura, constitui novos reais. Muitos dos seus quadros são eloquentes ensaios de teoria da arte como teoria do conhecimento, onde estão confrontados os universos construídos pela língua e pela imaginação pictórica. É como se o pintor quisesse nos demonstrar que todo sonho guarda restos perdidos de realidades anteriores, ou que toda transgressão é consequência de uma convenção que nela se amplia e reproduz.

Caeiro, o mais ambicioso dos poetas pessoanos – quanto ao intento de ultrapassar os limites da cultura para chegar à essência da natureza –, ao restaurar a pureza do olhar e se despir das vestes impostas pelo contrato social, pretende ir ao encontro das coisas enquanto coisas, sem transcendência ou sentido.

“Quem me dera que a minha vida fosse
um carro de bois
Que vem a chiar, manhãzinha cedo,
pela estrada,
E que para de onde veio volta depois
Quase à noitinha pela mesma estrada.

Eu não tinha que ter esperanças – tinha
só que ter rodas.
A minha velhice não tinha rugas
nem cabelos brancos.
Quando eu já não servia, tiravam-me
as rodas
E eu ficava virado e partido no fundo
de um barranco.
(Pessoa, 1972, p. 214)

Antes isso que ser o que atravessa a vida
Olhando para trás de si e tendo pena...”
(215)

O Guardador de Rebanhos descobre que o seu saber de animal verbal destrói a pureza assumida quando é “preciso usar a linguagem dos homens”. (218)

“Como um ruído de chocalhos
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são contentes.
Só tenho pena de saber que eles são contentes,
Porque, se o não soubesse,
Em vez de serem contentes e tristes,
Seriam alegres e contentes.” (203)

Mas “a linguagem dos homens” é difícil de ser esquecida. Ela dirige o nosso olhar através de outras linguagens, nos amarrando, qual Prometeu, à sanha das águias vorazes que devoram nossos sentidos por todos os dias do existir. Mas recompomos as entranhas, através de outras linguagens, que transformadas na linguagem dos homens são novamente devoradas.

Assim, mesmo o mestre Caeiro, ao se proclamar “o único poeta da natureza”, e virar as costas para a cultura, é ele próprio uma saturação da cultura.

Caeiro só poderia existir, do modo que existe: como heterônimo de um outro poeta impregnado pelos fantasmas da cultura. Ouseja: como produto primeiro e mais puro da contracultura.

A língua, guardiã do saber e da práxis, ao revelar o mundo para os homens, cobra seu preço, impõe seu domínio: “Os deuses vendem quando dão.” (Pessoa, 1972, p. 71) A tirania do código verbal se faz sentir em todas as atividades do homem, traçando o espaço da cultura, que se confunde com o seu próprio espaço.

Convém não perder de vista que a cultura se alimenta da sua própria superação. Se a língua e a linguística dominam o espaço de convenção chamado realidade, impondo suas formas, configuradas como as próprias formas da realidade; que formas teria o espaço de transgressão? –ou as configurações transgressivas?

Tudo o que se captasse para além do estabelecido, para além da língua, também seria a língua na sua potência ou possibilidade de existir?

Como dar conta, então, de semióticas, ou de funções sígnicas, isto é, de signos que são simultaneamente processos de semiose? De sistemas onde o plano do conteúdo é constituído pelo próprio discurso. Onde não há um significado prévio, mas as formações discursivas são também formações de um conteúdo que se esboça durante o processo.

Os actantes da cultura são livres para, conjuntamente, estatuírem suas convenções; mas estas, uma vez estabelecidas, se cristalizam e ganham força coercitiva. sobra a própria cultura que as gerou.

A LINHA CONSTELAR

Lacan, conforme o visto, situa seu objeto num outro campo: o da *linguisteria*, para deixar reservado o domínio dos linguistas. Em outras palavras: a descoberta freudiana pertence ao campo da linguagem, mas não, apenas, ao domínio da língua. Se a língua dá conta do consciente, se é ela, segundo Freud, que permite que as percepções ganhem o estatuto de pensamentos conscientes, ao associar a *representação da coisa* à *representação da palavra*; a linguagem onírica com seus deslocamentos e condensações não se confunde com a linearidade exemplar da língua. Se o discurso consciente capitaneado pela estrutura linguística limita o homem a seguir uma cadeia sequencial,

as redes simultâneas de sentidos propostos pela natureza continuam desafiando o discurso da cultura.

Distinguindo o pensamento inconsciente do pensamento consciente, Freud destaca o papel das associações linguísticas, afirmando categóricamente que a verbalização é a forma de ordenar os pensamentos difusos, dando a eles a possibilidade de se tornarem conscientes. “Portanto, o pensamento que é acompanhado pela catexização das indicações da realidade de pensamento ou das indicações da fala representa a forma mais alta e segura do processo de pensamento cognitivo.” (Freud, 1895, p. 240) Ver, especialmente, a terceira parte: “Tentativa de representar os processos Psi normais”. (473-506)

Convém lembrar que são as palavras que permitem à realidade psíquica ser equiparada à realidade externa. Freud reconhece que a realidade verbal é, para a vida psíquica, tão verdadeira quanto a realidade material; mas não limita a construção da realidade humana às representações verbais. (Seixas, 1997, p. 76)

No seu estudo sobre Kaspar Hauser, centrado no filme *Cada um por si e Deus con-*

tra todos (Jeder für sich und Gott gegen alle, 1974), de Werner Herzog (legendado no Brasil como *O enigma de Kaspar Hauser*), Isidoro Blikstein observa:

“Deveríamos, portanto, «regenerar o poder do olhar humano», como quer R. Magritte, e tentar recuperar todo um universo de semiose não-verbal de que está impregnada a nossa percepção/cognição, mas de que não somos conscientes. Assim o faz, por exemplo, G. Bachelard, ao mostrar-nos como a percepção do *referente* «casa» está investida de uma *verticalidade* e de uma *centralidade* meliorativas; cabe salientar que estes dois corredores semânticos ou isotópicos atuam numa dimensão não-verbal, produzindo uma significação que não depende da intervenção do código linguístico”. (Blikstein, 1983, p. 68)

A ruptura proposta por Lacan à estrutura do signo saussuriano, ao rejeitar o contorno do significado, está respaldada na tradição semiótica, quando, ao privilegiar o significante,

estatui que este nos remete a uma constelação de significantes outros e não a um significado cristalizado pela linearidade do contrato social. O significado linguístico é o responsável pela linha que separa a semiótica cultural por excelência, a língua, de outros sistemas semióticos mais ou menos socializados. Se aceitamos que o significado deriva de uma convenção assumida pela cultura, aceitamos também que este significado adquire estabilidade, em consonância com outras instituições sociais. Os actantes da cultura são livres para, conjuntamente, estatuírem suas convenções; mas estas, uma vez estabelecidas, se cristalizam e ganham força coercitiva sobre a própria cultura que as gerou.

É em decorrência da instituição do significados fósseis, se assim podemos descrever a manutenção de estabilidade do plano do conteúdo linguístico, que o diagrama formulado a partir dos cursos de linguística ministrados por Saussure, de 1906 a 1911:

Conceito

Imagem acústica

e também configurado deste modo:

Significado

Significante

é reescrito por Lacan, através do algoritmo:

S

s

onde o S maiúsculo representa o significante sobreposto, separado do significado por uma barra. O significante barrado, no discurso do Outro, não mais remete ao significado de Saussure, mas a um outro significante que também é significante de um outro... *Ad perpetuam rei memoriam*.

O significado linguístico, por sua vez, dá conta de uma formação social de sentido – conforme Saussure –, ou de uma *unidade cultural*, como quer Umberto Eco. Trata-se, por conseguinte, de algo que precede ao discurso, deixando marcado com nitidez o limite entre

processo e sistema. No discurso linguístico, o processo arregimenta unidades de sentido previamente constituídas pelo sistema. A arbitrariedade do signo, postulada por Saussure, deve ser compreendida no nível paradigmático, isto é, como se referindo à constituição do sistema e do seu léxico. No nível do processo, o signo assume o estatuto de um referente que tem como referência um conceito (ou uma unidade cultural) estabelecido pelo contrato social. O significado linguístico dá conta, portanto, de unidades mais ou menos precisas, assentidas: estabelecidas pela cultura.

Como dar conta, então, de semióticas, ou de funções sígnicas, isto é, de signos que são simultaneamente processos de semiose? De sistemas onde o plano do conteúdo é constituído pelo próprio discurso? Onde não há um significado prévio, mas as formações discursivas são também formações / captações de um conteúdo que se esboça durante o processo.

Incluem-se entre essas semióticas as formas de devaneio, quer inteiramente livres, como aquelas que constituem o objeto da descoberta freudiana, quer aquelas marcadas pelo com-

passo da intencionalidade, conforme a expressão de Drummond (1980, p. 64), “no domínio nevoento do sonho acordado” – isto é: o discurso da arte, onde o sistema existe enquanto processo, sendo impossível a decantação daquilo que está consubstanciado.

O chiste e a metáfora seriam assim microsistemas, cuja existência se encerra no próprio processo. Se um sistema metafórico é previamente tomado, não mais estamos diante de uma metáfora, mas de um *kit* da linguagem, como ocorre na comunicação de massa: de um *clichê*.

É essa perpétua gestação de inventos que caracteriza as semióticas poéticas, em oposição ao discurso enfeitado das obras literárias de baixa qualidade.

Quando podemos nos inserir, enquanto enunciadores de um discurso, num processo que é regido por um sistema previamente constituído, saímos da esfera da arte para a planura do espaço de convenção. É o que faz o *kit*. É como a comunicação de massa sustenta a sua sedução, ao submeter ao sistema da língua resíduos de processos ou sistemas marginais.

O enunciador do discurso massificado é cortejado pela metáfora do discurso poético. Não podendo engendrará-la, decide aprisioná-la. Feita a captura, insere o corpo fossilizado da ave, abatida em pleno voo, no cardápio do discurso estabelecido.

Ele não percebe a diferença entre o voo e a fotografia do voo.

É o que acontece também com o teórico da literatura ou com o semiótico que submete o processo-sistêmico da arte ao sistema da língua.

Como é possível capturar a ave, ou fotografar o voo num instantâneo, o bisturi da ciência da linguagem, no seu corte cego, não distingue entre a dança das asas e os destroços da captura. Ou entre o gesto vivo e o cadáver da bailarina. O fóssil é fácil. Convém manter a lâmina fina, para o corte certo: a matéria é volátil: “leitura de relâmpago cifrado, que, decifrado, nada existe”, como ensinam os versos de Drummond. (1984, p. 1)

O conceito de *poetas da estruturação*, que Jakobson retoma de Pessoa, para classificá-lo, sublinha o trabalho de arquitetura, de cons-

trução ou de estrutura da realidade, empreendido pelo processo poético. Segundo a teoria pessoana, os grandes poetas não limitam o seu trabalho apenas à expressão, porque *exprimem construindo, arquitetando e estruturando* o objeto a ser expressado: a realidade.

Ao aceitar e fazer suas as palavras de Pessoa, Jakobson avança do plano da expressão, que tanto seduziu os primeiros estruturalistas, para o plano do conteúdo. O reconhecimento da ação poética sobre as formas do conteúdo possibilita a constatação do velho formalista:

“É imperioso incluir o nome de Fernando Pessoa no rol dos artistas mundiais nascidos no curso dos anos oitenta: Picasso, Joyce, Braque, Stravinsky, Khliébnikov, Le Corbusier. Todos os traços típicos dessa grande equipe encontram-se condensados no grande poeta português”. (Jakobson e Picchio, 1970, p. 94)

Mas quais seriam esses traços típicos de um momento da história contemporânea da hu-

manidade, apontados por Jakobson, que estariam reunidos em Pessoa? Que lugar teria entre eles a construção da realidade e a ênfase dada pelas formas significantes ao difuso universo significado?

O mestre formalista enfrenta a questão situando em Pessoa as características dos artistas da modernidade, indo buscar a resposta no seu livro *Fonema e fonologia*, escrito antes de ter conhecido qualquer texto do poeta plural:

“A extraordinária capacidade desses descobridores em sempre e sempre superarem os hábitos já envelhecidos da véspera, juntamente com um dom sem precedentes de apreenderem e remodelarem cada tradição anterior e cada modelo estrangeiro, está intimamente ligada a um singular sentimento de tensão dialética entre as partes e o todo unificador e as partes conjugadas entre si, especialmente entre os dois aspectos de qualquer signo artístico – o seu *signans* e o seu *signatum*.” (Jakobson apud Jakobson e Picchio, 1970, p. 94)

Com isso, Jakobson estaria reconhecendo, como inerente ao signo poético, o papel de construtor do universo expresso, quando o signo que ele mesmo chama de *signo artístico* enforma aquilo que é informado.

O insólito pensamento de Pessoa, com sua sintaxe, seus sentidos e signos passaram a ser pontos de referência da cultura de língua portuguesa contemporânea, conforme todos aceitamos. Mas quando a cultura o absorve, o poeta escapa e mais longe cintila, repondo interrogações.

A LINGUAGEM INAUGURAL

A semiótica poética tem o seu plano do conteúdo construído pelo próprio discurso, do mesmo modo que a *linguagem inaugural* dos tempos heroicos descritos por Vico (1725) e Rousseau (1756), quando nossos primitivos ancestrais usavam as figuras de linguagem para capturar, na plurivocidade da sua abertura, o difuso e estranho universo que se revelava à consciência.

Se a língua de uma cultura é o depósito ativo da sabedoria comum, quando o falante, no processo do discurso, presentifica um aspecto da realidade, ele está recorrendo ao tesouro do sistema pré-formado, à memória das épocas e das gerações. Em suma, está se apo-

– conforme nos lembra o verso do poema “Ulysses”, transformado em bordão, ao sustentar que das teias do nada se tece a matéria da vida social.

A escolha de versos poderia prosseguir, desfilando exemplos. Mas é vantajosamente substituída pelo lembrete de que a transformação do nada em matéria original é uma constante da modernidade. Do nada que é tudo e paira além do espaço de convenção.

O poeta moderno não faz versos sobre acontecimentos, nem sobre sentimentos pessoais. Longe de ser o cantor sincero e comovido, sua ficção comove, mesmo sendo fingida, porque retira sentido de onde havia silêncio.

Enquanto as semióticas do difuso esboçam o seu sistema no processo de contravenção do sentido estatuído, a língua e o signo linguístico se inscrevem na margem oposta a essa dinâmica. Mesmo assim, a língua, enquanto espaço cultural, absorve os resultados dos processos que, coexistindo com a língua, constituem semióticas marginais. Convém dizer: a língua absorve os resultados, mas não o processo, enquanto dinâmica. Quando a transgressão

operada pelo discurso da arte é incorporada aos domínios da língua, o que resta é o resultado, e não mais o processo. É o clichê da metáfora, pronto para ser requentado e servido de novo, já velho.

O insólito pensamento de Pessoa, com sua sintaxe, seus sentidos e signos passaram a ser pontos de referência da cultura de língua portuguesa contemporânea, conforme todos aceitamos. Mas quando a cultura o absorve, o poeta escapa e mais longe cintila, repondo interrogações. Absorvendo o poeta, a cultura absorve a si mesma, suas extensões; enquanto a poesia escapa – ilesa.

O sedimento que ficou depositado no caldo da cultura portuguesa é tão somente a carcaça, ou a estátua, flagrante imóvel do voo.

A dança das asas, imobilizada, desaparece. Resta só “uma fotografia na parede”. – “Mas como dói” – diria Drummond.

Assim, quando a língua incorpora a transgressão da poesia aos domínios da cultura, ela não é mais transgressão nem poesia – ela é, simplesmente, língua e cultura.

O mesmo Lacan que, “para deixar a Jakobson seu domínio”, concordou, facilmente, no

seminário de 19 de dezembro de 1972, com a proposição do mestre formalista (segundo a qual tudo que diz respeito à linguagem é da competência do linguista, ressaltando apenas o campo freudiano), na verdade, não pensava assim, como podemos ler nos *Escritos*. Já foi visto no início desta discussão que Lacan abandona – diplomaticamente, para não refutar a autoridade de Jakobson no seu próprio domínio, o domínio das letras, – a ideia inicial de que a poesia, do mesmo modo que o discurso onírico, escapa às imposições da cadeia do texto pragmático. O analista refuta Jakobson, apenas, no que diz respeito ao campo freudiano, deixando ao estudioso da linguística e da poética a responsabilidade de fundir ou não as duas linguagens.

Como demonstram as palavras do autor dos *Escritos*, antes da investida imperial do mestre formalista; ao se deparar com a linearidade imposta pelo discurso linguístico, Lacan afirmava que “a sua emissão por uma única voz e na horizontal” é necessária mas não é suficiente. “Mas basta escutar a poesia, o que era sem dúvida o caso de F. de Saussure,

para que aí se faça ouvir uma polifonia, e ver que todo discurso mostra alinhar-se sobre as diversas pautas de uma partitura.” (Lacan, 1978, p. 234)

Ao se referir ainda à rede de significados polifônicos da poesia, Lacan, em nota de pé-de-página ao artigo “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, chama atenção para o fato do próprio Saussure já ter sublinhado essa multiplicidade de sentidos nos manuscritos sobre os anagramas:

“A publicação, por Jean Starobinski, no *Mercure de France* de fevereiro de 1964, das notas deixadas por Ferdinand de Saussure sobre os anagramas e sua utilização hipogramática, desde os versos saturninos até os textos de Cícero, nos dá a certeza que nos faltava então”. (Lacan, 1978, p. 234)

O texto de Saussure referido por Lacan foi reunido a outros estudos por Jean Starobinski (1971) no livro *As palavras sob as palavras. Os anagramas de Ferdinand de Saussure*. A linearidade, a cadeia da língua, termina por impor

a sua horizontalidade ao pensamento pragmático do homem; mas isso não quer dizer que o animal simbólico anule inteiramente as outras dimensões possíveis, nas formas de pensamento que independem de uma prática utilitária imediata. Qualquer pessoa, que se recorde dos seus próprios sonhos, sabe que é possível, num discurso onírico com duração de alguns segundos, a encenação de situações que, para serem traduzidas pela língua, exigiriam uma narrativa linear consideravelmente extensa.

Esse processo de condensação, típico do discurso onírico, é também frequente na literatura. Daí a expressão cunhada por Freud ‘o poeta e seus sonhos diurnos’, onde o processo poético é aproximado tanto do sonho quanto da fantasia infantil. Quando precisamos de dezenas de páginas escritas para traduzir um poema de poucos versos, começamos a suspeitar que a estrutura dos signos empregados no discurso poético difere, na sua condensação constelar, da estrutura dos signos linguísticos.

Freud (1908, p. 154), no artigo “Escritores criativos e devaneio” pontua: “Deixemos agora

as fantasias e passemos ao escritor criativo. Acaso é realmente válido comparar o escritor imaginativo ao «sonhador em plena luz do dia», e suas criações com os devaneios?”

Mais adiante, ele acrescenta:

“O escritor suaviza o caráter de seus devaneios egoístas por meio de alterações e disfarces, e nos suborna com o prazer puramente formal, isto é, estético, que nos oferece na apresentação de suas fantasias. Denominamos de *prêmio de estímulo* ou de *prazer preliminar* ao prazer desse gênero, que nos é oferecido para possibilitar a liberação de um prazer ainda maior, proveniente de fontes psíquicas mais profundas. Em minha opinião todo prazer estético que o escritor criativo nos proporciona é da mesma natureza desse prazer preliminar, e a verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma liberação de tensões em nossas mentes. Talvez até grande parte desse efeito seja devida à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali por diante, nos deleitarmos com nos-

“... seus próprios devaneios, sem autoacusações ou vergonha.” (Idem, p. 158)

Veja-se ainda o tratamento dispensado por Freud (1911, p. 13-100) à mesma questão no estudo “Delírios e sonhos na «Gradiva» de Jansen”, escrito para atender a uma sugestão de Jung.

A propósito, a condensação de múltiplos sentidos e experiências é descrita por Fernando Pessoa, usando a máscara de Álvaro de Campos, como

“Sentir tudo de todas as maneiras,
 Viver tudo de todos os lados,
 Ser a mesma coisa de todos os modos
 possíveis ao mesmo tempo,
 Realizar em si toda a humanidade
 de todos os momentos
 Num só momento difuso, profundo,
 completo e longínquo.”
 (Pessoa, 1972, p. 344)

A estética do *sensacionismo*, escola literária imaginada por Pessoa, como substituto por-

tuguês do futurismo e de outras tendências modernas, aproximava o discurso da arte das manifestações inconscientes e do discurso onírico. A literatura buscava expressar a simultaneidade da própria alma humana,

“Nada me prende a nada.
Quero cinquenta coisas ao mesmo tempo.
Anseio com uma angústia de fome
de carne
O que não sei que seja –
Definidamente pelo indefinido...”
[...]
“Compreendo a intervalos desconexos”.

(359)

A poesia de Álvaro de Campos, discursiva como um manifesto revolucionário, visava mais do que realizava a natureza constelar do signo poético. Creio que o poeta ortônimo, Fernando Pessoa, sem máscara nominal, mesmo sem ser um modernista ululante, sem se deixar embebedar pelo contágio esfuziante das novidades estéticas, realizava uma poesia simbolista plenamente moderna. É precisamente

esta poesia densamente simbolista que, ignorando a pregação discursiva, trazia para o verso o poder de realizar aquilo que o engenheiro Álvaro de Campos anunciava aos quatro ventos: a simultaneidade de sentidos e situações num só signo. Ou seja, a ruptura radical do signo poético, pela sua condensação constelar, com a estrutura do signo linguístico e com seu compromisso pragmático, que limita o turbilhão de vozes e sentidos a uma referencialidade mínima.

O que nos impede de ver isso mais claramente, de flagrar a distância entre a frase poética e a frase pragmática, é o fato do discurso poético se situar no intervalo do discurso linguístico ou, mesmo, disposto sobre o discurso linguístico. Às vezes, aceitando seus caminhos, outras, destruindo – ou digerindo, conforme os termos da antropofagia literária do modernismo brasileiro – o linguístico, para que dessa morte nasça um novo discurso: a poesia.

A constelação poética buscada por Mallarmé orienta, por exemplo, a corrente criadora e crítica do concretismo brasileiro no sentido

perpendicular à linearidade. Em ensaio (publicado em 1956 no *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, com o título de “Pontos – Periferia – Poesia Concreta”, que mais tarde integraria o livro conjunto de Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos intitulado *Teoria da poesia concreta. Textos críticos e manifestos / 1950-1960*), Augusto de Campos pontifica:

“A verdade é que as «subdivisões prismáticas da ideia» de Mallarmé, o método ideogrâmico de Pound, a apresentação «verbi-voco-visual» joyceana e a mímica verbal de Cum-mings convergem para um novo conceito de composição, para uma nova teoria de forma – uma organoforma – onde noções tradicionais como princípio-meio-fim, silogismo, verso, tendem a desaparecer e ser superadas por uma organização poético-gestaltiana, poético-musical, poéticoideogrâmica da estrutura: Poesia Concreta.” (Campos, 1975, p. 25)

Curioso é que a nossa vanguarda crítica vai buscar tão longe esses fatos, desviando os

olhos daquilo que está ao alcance da nossa língua: a poesia de Pessoa.

Anos mais tarde, no ensaio “Comunicação na poesia de vanguarda”, Haroldo de Campos constata –

“A linguagem da poesia vai ganhando cada vez mais em especificidade, vai-se emancipando da estrutura discursiva da linguagem referencial, vai eliminando os nexos, vai cortando os elementos redundantes, vai-se concentrando e reduzindo ao extremo: o *Un coup de dés* de Mallarmé, que está para a civilização industrial como a *Comédia* de Dante para o Medievo, compõe-se de apenas dez páginas, nas quais o poeta medita, em linguagem extremamente rarefeita, sobre a própria possibilidade da criação, o poema que, como breve e fugaz constelação, surge da luta contra o acaso, a desordem, o caos, a entropia dos processos físicos. A não-linearidade, a estética do fragmentário e do prismático, que se projeta do poema mallarméano pelo futurismo e pelo cubismo até aos nossos dias

(onde virou um evento cotidiano na televisão), contesta, no campo da arte, o princípio da linearidade da linguagem, postulado por Saussure mas refutado em seu absolutismo por Jakobson mesmo de um ponto de vista linguístico.” (Campos, 1972, p. 151-152)

Mas todas essas questões, presentes na poesia moderna e enfaticamente sublinhadas por Pessoa, conduzem à forma do conteúdo. São, portanto, questões semânticas, e a semântica não foi eleita como objeto amoroso do estruturalismo clássico. Como então esperar a defesa da existência de um signo poético pela tradição estrutural?



PASSANDO PELO TÚNEL DO TEMPO

O Roland Barthes dos anos sessenta passeou pelos labirintos da linguística, invertendo as premissas das suas próprias abordagens do simbólico, anteriormente desenvolvidas. Com bem fundadas razões, afirma que não existem, na vida social do nosso tempo, outros sistemas de signos com a amplitude da língua.

Como a língua materna representa a primeira forma de orientação do indivíduo no mundo que o rodeia, impondo suas classificações e limites à percepção do pequeno animal humano, temos que concordar com os filósofos e linguistas que identificam a teoria da linguagem com a teoria do conhecimento.

Sapir chama aos signos de cômodas cápsulas do pensamento, apontando a dificuldade que teríamos para desenvolver proposições complexas se não partíssemos de proposições menores anteriormente resolvidas. Essas proposições são os conceitos *enformados* pelos signos.

Para Sapir, uma unidade linguística como / casa/, por exemplo, não é o símbolo inicial e final de uma percepção isolada, ou da noção de uma coisa particular, mas de um conceito. E esse conceito é visto por ele como uma –

“cômoda cápsula de pensamento, que contém milhares de experiências distintas e é capaz de observar milhares de outras mais. Se cada elemento linguístico significativo é o símbolo de um conceito, o desenrolar da nossa fala pode ser interpretado como a apresentação de certas relações estabelecidas entre esses conceitos.” (Sapir, 1954, p. 26)

Quando falamos ou desenvolvemos um pensamento, não precisamos construir todas as ideias, especialmente as representadas pelas

pequenas unidades do discurso, que são as palavras. Elas atuam como uma espécie de guarda-roupa de segunda mão das épocas, para usarmos a expressão de Trotsky. O que ele afirma a respeito da arte, ao ser vista em subordinação ao processo histórico do homem, é mais justamente aplicável à língua, no seu uso social:

“Sim, os temas artísticos passam de povo para povo, de classe para classe e de autor para autor. Isto apenas significa que a imaginação humana é econômica. Uma nova classe não começa criando toda uma nova cultura desde o princípio, mas se apossa do passado, seleciona-o, corrige-o, reajusta-o e, a partir de tudo isso, constrói. Se não fosse usado este guarda-roupa «de segunda mão» das épocas, o processo histórico não teria progredido.” (Trotsky, 1971, p. 81)

São as palavras, atuando como guarda-roupa de segunda mão e presentificando experiências anteriores, que nos possibilitam avançar rapidamente na articulação do pensamento, sem precisarmos resolver todas as propo-

sições menores de uma proposição geral. Quando revemos os conceitos e formamos o plano do conteúdo dos signos utilizados, já abandonamos os limites da língua corrente e entramos no domínio de uma metalinguagem ou de uma semiótica poética, como no texto:

“A flor que és, não a que dás, eu quero.

Porque me negas o que te não peço.

Tempo hás para negares
depois de teres dado.

Flor, sê-me flor! Se te colher avaro

A mão da infausta esfinge, tu perene

Sombra erarás absurda,

Buscando o que não deste.”

(Pessoa, 1972, p. 275-276)

Aparentemente, os poemas que exigem um maior trabalho, não apenas no nível da *construção* do que Chomsky chama de *estrutura superficial*, mas também no nível da *sintaxe*, da *estrutura profunda*, se prestam mais facilmente à demonstração dos caminhos divergentes seguidos pelo plano do conteúdo do signo poético.

Ao aceitar a distinção feita por Du Marsais entre *construção* e *sintaxe*, na obra de 1769 intitulada *Logique et principes de grammaire*, Noam Chomsky elaborou a sua teoria da sintaxe gerativa como um passo à frente do estruturalismo anterior, mais preocupado com a fonologia e a fonética, como demonstram as análises estruturais limitadas a estes dois aspectos. Compreendendo a construção como «l'arrangement des mots dans le discours» e a sintaxe como «rapports que les mots ont entre eux» (Du Marsais apud Chomsky, 1972b, p. 59), temos três construções distintas e uma única sintaxe para as frases seguintes:

“Accepi litteras tuas.”

“Tuas accepi litteras.”

“Litteras accepi tuas.”

Como as palavras, na língua latina, e em algumas outras línguas declináveis, como o alemão, não dependem da ordem na frase para marcar a sua função sintática, o papel de sujeito ou de objeto é estabelecido pela desinência, quer seja de nominativo, genitivo etc. Já

em línguas como o português e o inglês a ordem na frase é que marca o seu papel no palco da fala.

Nasce assim a distinção entre estrutura profunda e estrutura superficial, na gramática gerativa e transformacional, uma vez que a sintaxe se refere à primeira estrutura e a construção, à segunda.

Nas odes de Ricardo Reis, heterônimo assinalado pelo maneirismo clássico do discurso, a subversão da estrutura profunda é buscada através de uma obsessiva inversão dos processos de construção utilizados pela língua. Algumas vezes, o verso de Reis soa grandiloquentemente vazio, porque a ordem não-usual das palavras esconde a repetição de ideias e conceitos segundo a ordem usual.

Os apreciados versos do Dr. Ricardo Reis podem ser arrolados como prova do papel secundário atribuído à linguagem pelo ilustre latinista:

“Ponho na altiva mente o fixo esforço
Da altura, e à sorte deixo,
E as suas leis, o verso;

Que, quando é alto e régio o pensamento,
Súdita a frase o busca
E o escravo ritmo o serve.”
(Pessoa, 1972, p. 291)

Veja-se que o conteúdo destes versos se sustentam na compreensão da língua como uma nomenclatura e não como um sistema construtor de ideias e conceitos. No iluminismo, permanecia vigente a concepção de ideias inatas, conforme a razão cartesiana, o que não estimulava a percepção da língua como forma de conhecimento, mas tão somente como mero instrumento de transmissão e comunicação. Ricardo Reis foi arquitetado como pertencente a esta tradição, daí a crença segundo a qual o uso das palavras seria mera consequência de ideias preconcebidas. Para ele, quando o pensamento é elevado, a língua é uma escrava que serve aos seus altos intentos, contrariamente à demonstração presente na obra de Pessoa que a palavra constrói, passo a passo, o universo das ideias.

Voltando à natureza estrutural da linguística gerativa, Chomsky (1972b, p. 45) postula:

“A linguagem tem um aspecto interno e um aspecto externo. Uma frase pode ser estruturada do ponto de vista da maneira como exprime um pensamento ou do ponto de vista de sua forma física, isto é, do ponto de vista da interpretação semântica ou da interpretação fonética”.

O passo à frente dado por Chomsky, em relação ao estruturalismo linguístico anterior, e que interessa ao nosso problema, reside na inversão proposta: enquanto o estruturalismo clássico tende a considerar como imanescentes os fatos ligados à forma da expressão, suspeitando do conteúdo como tema filosófico, o estruturalismo chomskyano considera interno tudo aquilo que diz respeito à estrutura profunda, ao que afeta o sentido, à interpretação semântica; classificando como externo o que diz respeito à forma física, à interpretação fonética. É por isso que, enquanto o estruturalismo não concebe uma oposição entre a linguagem poética e a língua da cultura, Chomsky (que acredita ter superado o estruturalismo) nos leva a opor uma *língua poética* à língua da

cultura. Ao traçar as fronteiras entre a sintaxe e a semântica, surgem as *regras de seleção* como indicadoras do grau de gramaticalidade de uma frase (Chomsky, 1975, p. 239), apontando os discursos transgressivos dos processos de afinidades eletivas como sendo distanciados da gramática da língua de base. Seriam gerados então por uma outra gramática que, tomando a língua da cultura como base, ou como ponto de referência, pertencem a uma língua poética.

“A noção de *aceitável* não deve ser confundida com a de *gramatical*. A aceitabilidade é um conceito que pertence ao estudo da performance (desempenho), enquanto a gramaticalidade pertence ao estudo da competência.” (Chomsky, 1975, p. 92)

Mário Perini, na sua *Gramática gerativa da Língua Portuguesa*, traz questões esclarecedoras à nossa discussão. A língua estabelece regras de restrições seletivas que não podem ser violadas: determinados sujeitos selecionam seus predicados, e vice-versa. Ele faz

a distinção entre *aceitabilidade* e gramaticalidade, rotulando de inaceitáveis frases como “A está rachada gamela” e “Os conspiradores planejam incendiarem o parlamento”; considerando agramaticais frases do tipo “A verruga do nariz de Márcia sambou com a Portela em 1959” e “Antonio quer que o sexto canto dos *Lusíadas* sambe com a Portela”. Perini afirma ser evidente a razão pela qual uma frase, como a terceira, é agramatical: “trata-se de uma questão de significado. A frase é absurda simplesmente porque *verruga* não pode nunca ser sujeito do verbo *sambar*”. (Perini, 1976, p. 62)

Observe-se que, do ponto de vista tradicionalmente adotado, as frases tidas como inaceitáveis por Perini seriam agramaticais, enquanto as razões de ordem semântica não seriam suficientes para que a linguística estrutural considerasse as últimas frases como agramaticais.

O conceito estruturalista de gramática é sinuoso quanto ao problema do significado; o que quer dizer que não podemos esperar do estruturalismo o reconhecimento da especificidade do signo poético, quando esta especificidade se sustenta na formação do significado.

Assim é que na ode iniciada com o verso “A flor que és, não a que dás, eu quero”, de nada nos vale um bom dicionário de língua portuguesa para apreender o sentido das palavras e das frases no contexto poemático. O poema de Reis, enquanto pequeno processo semiótico, ou enquanto discurso finito (formado por apenas quatro dísticos), constitui um sistema de significação divergente do sistema semântico estabelecido pelo processo da língua portuguesa.

Se uma língua é um *diassistema*, isto é, formada por um sistema de sistemas – estruturalmente imbricados, como o semântico, o sintático e o fonológico –, a desintegração de um desses sistemas num processo qualquer vai conduzi-lo para além dos limites da língua. Ou melhor, vai constituir outra língua.

O fato é prontamente reconhecido quando o processo em causa é culturalmente compartilhado pelos indivíduos em geral: um dialeto, por exemplo, ao se afastar dos padrões da língua mater e ganhar autonomia, passa a ser visto como uma nova língua. Por outro lado, o sistema semiótico usado pelos escrito-

res, mesmo em dissonância com a sintaxe e a semântica da língua que lhe serviu de base, não é reconhecido como uma nova língua.

O poema de Ricardo Reis demonstra como os textos poéticos marcados pelo apuro da linguagem no nível da construção e da sintaxe evidenciam mais facilmente o processo de desautomatização das *formas do conteúdo*. Mas convém sublinhar que mesmo poemas aparentemente desprovidos de um trabalho metalinguístico sustentam sua natureza poética na ruptura das *formas do conteúdo* artísticas com as *formas do conteúdo* cotidianas. Tomando-se as últimas como resultante de uma convenção coletiva e as primeiras como transgressivas.

Interpretemos, mentalmente, o poema ortônimo:

“Contemplo o lago mudo
Que uma brisa estremece.
Não sei se penso em tudo
Ou se tudo me esquece.

O lago nada me diz,
Não sinto a brisa mexê-lo.

Não sei se sou feliz
Nem se desejo sê-lo.

Trêmulos vincos risonhos
Na água adormecida.
Por que fiz eu dos sonhos
A minha única vida?”

(Pessoa, 1972, p. 151)

Se quisermos construir um glossário com as palavras presentes neste poema e os seus significados correspondentes, os termos “lago”, “brisa”, “vinco” etc. não teriam os mesmos significados registrados em nenhum dos vários dicionários da língua portuguesa. O resultado de tal experimento nos levaria a supor que estamos diante de uma nova língua, que não sabemos qual é.

Pessoa insiste, ao longo da sua obra poética, em tematizar o ofício de construtor de palavras:

“Há um poeta em mim que Deus me disse”. (124)

“Emissário de um rei desconhecido”. (128)

“Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela”.
(127)

“Qualquer música, ah, qualquer”. (147)

“Dizem que finjo ou minto”. (165)

Não sabemos, quando Fernando Pessoa constrói uma biografia fragmentária, em textos heteronímicos ou ortonímicos, se constrói um registro civil fingindo ser uma biografia inventada, ou se inventa uma biografia verossímil, fingindo ser verdadeira. Segundo suas anotações, em francês, recolhidas por Tereza Rita Lopes (1985, p. 7) no livro *Fernando Pessoa: Le théâtre de l'être*: “Il était une fois un homme qui avait plusieurs ombres. Ou alors c'était une ombre qui avait pris la forme de plusieurs hommes.”

Redizendo: era uma vez um homem que tinha várias sombras. Ou melhor, era uma sombra que tinha tomado a forma de vários homens.

A partir das especulações acima, o poema composto pelos três quartetos acima transcritos pode ser lido como uma pequena biografia de uma pessoa qualquer, ou de *personne*,

ninguém, ou de uma personagem dramática. A propósito, vejamos o que é dito no ensaio “O desconhecido de si mesmo: Fernando Pessoa”, de Otávio Paz (1972, p. 201):

“Os poetas não têm biografia. Sua obra é sua biografia. Pessoa, que duvidou sempre da realidade deste mundo, aprovaria sem vacilar que fôssemos diretamente a seus poemas, esquecendo os incidentes e os acidentes de sua existência terrestre.”

Aqui, o eu ficcional do poeta recita: “Contemplo o lago mudo / Que uma brisa estremece”. Evidentemente, se algum leitor quiser compreender o texto a partir da compreensão de signos da língua portuguesa como *lago*, *mudo*, *brisa*, *estremece* etc., poderá estar lendo um poema romântico do gênero “Le lac”, de Lamartine. Mas se, ao contrário, acreditar estar diante de um outro sistema de significações, os signos *lago*, *brisa* etc. serão constituídos por um plano da expressão idêntico ao da língua portuguesa, no seu uso social, e por um plano do conteúdo de um sistema que se instaura no espaço difuso da escrita – e da fruição.

O diálogo autor-leitor (no qual o texto fala e o eu do leitor responde, a partir das suas relações com outros textos, do mesmo ou de outros autores) é que constrói o plano do conteúdo dos signos descodificados. Pode-se dizer que o significado do significante *lago* é «existência», e do significante *brisa*, o significado corresponderia à frase: qualquer acontecimento, por mais trivial que seja. Conforme a afirmativa de Greimas:

“Um quadro, um poema são apenas pretextos, o único sentido que eles têm é aquele – ou são aqueles – que lhes damos. Eis aqui o *nós* erguido em instância suprema do sentido: é ele que comanda o filtro cultural de nossa percepção do mundo, é ele também que seleciona e ordena as epistemes que «se implicam» nos objetos particulares – quadros, poemas, narrativas –, resultados do emaranhado do significante. A operação teve êxito, o sentido é retirado dos objetos significantes, o relativismo triunfou: o sentido não está mais presente, todos os sentidos são possíveis.” (Greimas, 1975, p. 7)

Ao dizer que um quadro ou um poema são apenas pretextos, Greimas acena para a existência de um outro texto, nascido como ato dialético, ou como diria Barthes, como ato amoroso, entre autor e leitor. Daí a obra ser vista como uma espécie de espelho no qual Narciso se contempla. O texto literário é um pretexto ou um espelho onde a face se mira. São minhas próprias rugas ou meu próprio riso que leio na superfície especular.

Mas esse espelho é vivo, como o da bruxa que não se via na beleza de Branca de Neve. Por isso, ele retoca meus próprios traços. Dirige o meu olhar e recompõe minha figura. Tanto que não sei mais se, quando me vejo, vejo a mim mesmo ou ao Outro que me reflete.

Quanto mais rico e pleno – ou, se preferirem, quanto mais belo – o universo do leitor, mais o texto resplandece.

Se, como quer Greimas, a arbitrariedade do significante com relação ao significado torna qualquer sentido possível, assim *traduzo* os dois versos de Pessoa (“Contemplo o lago mudo / Que uma brisa estremece”) para os signos da

língua culturalmente compartilhada: Sigo passivamente a minha existência. Nenhum acontecimento, nada de afeto, por mais trivial que seja, neste existir monótono.

Todos os sentidos são possíveis, podemos concordar com Greimas, se esses sentidos estiverem articulados com outros igualmente atribuídos ao longo da leitura. Assim, podemos dizer que na poética todo sintagma é um paradigma: cada poema é um processo particular, ao qual corresponde um sistema específico. Os sintagmas podem ser imantados por qualquer grupo de sentido, desde que a relação dos seus elementos constituintes não seja quebrada. Os sentidos aparentemente mais absurdos deixam de ser absurdos, quando integrados num sistema de sentidos igualmente absurdo. Já aqueles, aparentemente coerentes, que não encontram correspondência no sistema interpretativo montado pelo ato dialético entre o texto e o leitor, são providos apenas de uma coerência aparente, externa, transcendente ao universo-ilha no qual a obra de arte se converte perante o ato de fruição.

Construído esse pequeno mundo, podemos decodificar os versos – “Trêmulos vincos rissonhos / Na água adormecida” – como evocação da ausência de pequenos acontecimentos lúdicos, na vida afetiva que não chegou a se tornar plena. Que foi inibida no seu desenvolvimento, antes que se tornasse adulta, do ponto de vista amoroso. Essa libido recolhida é representada pela expressão *água adormecida*.

A água do lago, na doce mansidão do repouso, se opõe à água do mar, agitada e com gosto de sal. A retração de movimentos, o repouso, enquanto morada de Thanatos, se opõe à ação, à perene vitalidade, morada de Eros.

Mas quem são esses deuses responsáveis pela divisão e pelo conflito derradeiro dos homens?

Nos muros da Cidade da Bahia, uma inscrição de piche unia os dois num casamento verbal:

AMORTEAMO.

Na velha Grécia, Eros era reconhecido como o filho de Afrodite ou, para os mais antigos, como um dos deuses primeiros, que sur-

giu ao mesmo tempo que a terra. Já Thanatos, o terrível carrasco dos deuses, era irmão de Hipno, o sono, e filho do Caos e das Trevas.

Para Freud, Eros é a pulsão da vida, cujo alvo é instituir unidades cada vez maiores, e conservar, enquanto Thanatos tem como alvo dissolver os agregados e destruir as coisas. (Seixas, 1982, p. 6)

Já os gregos ilustravam magnificamente a concepção da água como colo fértil: Afrodite, deusa do amor, nasceu das águas. Urano (o Céu) perdeu o trono para Cronos (o Tempo), seu filho. Ele temia ter o poder usurpado pelo próprio filho, devorador de deuses e homens que, efetivamente, castra o pai e lança seus órgãos às águas do mar. Da sementeira dos despojos do deus Urano, decapitado no seu vigor pelo deus do Tempo, nasce Afrodite, mãe de Eros, menino reinador e correlato de Exu no mundo helênico. A propósito veja-se o que dizem, talvez lembrando *O banquete* de Platão, Thomas Bulfinch (1965, p. 20), em *O livro de ouro da mitologia. A idade da fábula*, ou Ruth Guimarães (1972, p. 20, 22, 116, 140 e 313) no *Dicionário da mitologia grega*.

E Pessoa, longe dos barcos, indaga:

“Por que fiz eu dos sonhos
A minha única vida?”

Se opusermos a realidade material, cultural, à realidade psíquica, onírica, que é a realidade geradora da imaginação artística, a interrogação converte-se em: por que fiz eu da arte a minha única forma de existir?

A distinção entre uma semiótica poética e a língua cotidiana reside, portanto, na estrutura ou no sistema do conteúdo. Conforme as palavras de Otávio Paz:

“Em todos os poetas da tradição moderna a poesia é um sistema de símbolos e analogias paralelo ao das ciências herméticas. Paralelo mas não idêntico: o poema é uma constelação de signos possuidores de luz própria.” (Paz, 1972, p. 217)

Como forma de conhecimento que se sustenta nos alicerces construídos pela língua, a literatura parte dos caminhos abertos pela cul-

tura, mas abandona tais caminhos tão logo descobre, na floresta enredada de símbolos, a possibilidade de novas veredas inexploradas. Como a arte não tem uma finalidade prática imediata, pode se lançar à aventura do mar desconhecido. Seu processo de descoberta é, portanto, mais lento, mais lúdico ou mesmo penoso, na medida em que pode vagar à deriva, sem perspectiva segura de porto. A obra literária, enquanto linguagem, é uma fala produtiva, que se obriga, quase sempre, à construção dos conceitos relacionados pelos seus signos. Engenho de cronópio, ao desintegrar o núcleo dos signos linguísticos em que temporariamente habita, se vê cercada por conceitos difusos, intocados, à espera do encontro com sua forma, seus contornos e sua própria definição.

Em um texto para jornal sobre o concerto de Louis Armstrong, em Paris, no dia 9 de novembro de 1952, Júlio Cortázar (1974, p. 211) esboça, com humor, o perfil de três tipos fundamentais: *cronópios*, *famas* e *esperanças*. A natureza dos cronópios termina por se identificar com a natureza mesma do artista, en-

quanto desconstrutor de mitos gastos e criador de novos mitos. Sobre a origem da palavra *cronópio*, a curiosidade me levou a vários caminhos, inclusive o etimológico, em busca de *Cronos* e coisas dessa ordem. Inútil exercício de falsa erudição. Vazio. Tendo desistido, depois, por acaso, um conhecido da Argentina contou que conhece um inseto chamado *cronópio*, que desintegra o meio em que vive.

Mas a cultura tem objetivos bem definidos: quando não somos levados pela nau descobridora da arte, no seu aparte ao discurso civilizacional, o exercício da linguagem não se afasta muito das suas finalidades práticas. Os passeios e fugas circunscrevem-se aos arredores previstos, sem o risco da floresta selvagem, habitada por signos antropófagos, guerreiros – lugar do signo selvagem, seus feitiços e encantamentos.

Enquanto habitantes da cultura, evitamos os descaminhos do imprevisto; e assim, enquanto pensamos, apoiados em palavras que encerram conceitos socialmente compartilhados, nos limitamos, quase sempre, a seguir as pegadas abertas pelas gerações precedentes no

exercício da língua. Encontramos as palavras prontas para o uso referencial, da mesma maneira que o pedreiro encontra os tijolos com os quais vai levantar as paredes da sua construção. É por isso que os teóricos da informação e da comunicação, os construtores de sistemas formais e os teóricos da cibernética defendem o ideal de uma linguagem inequívoca, baseada em unidades pré-moldadas.

Para quem pensa, construir o material do pensamento durante o processo de pensar, seria antieconômico e atrofiaria o próprio processo. A construção do material durante o pensar conduziria a um devaneio da razão.

Sabemos que o pensamento consciente é marcado por uma certa precisão ou objetividade, imposta pelos limitados e úteis contornos das significações linguísticas. Eles servem de marcos iniciais para a viagem do sujeito, rumo ao desconhecido e os buracos negros do inconsciente, que nos fala e governa. Mesmo dando conta apenas do conhecido, do estabelecido, e marcada pelo fantasma do *referente*, a língua histórica, no seu uso cotidiano, traz no bojo a flexibilidade e a mutabilidade que não

só acolhem mas propiciam a sua superação; inscrevendo os processos mentais do falante para além do convencional e dos sistemas lógicos estabelecidos.

Barthes capta a importância do papel desempenhado pela língua e proclama a sua condição privilegiada, entre os demais sistemas. Mas o seu entusiasmo transforma a Linguística numa super ciência, impondo às outras disciplinas os modelos metodológicos aplicados à língua. Consequentemente, a disciplina filosófica que trata dos diversos sistemas simbólicos – a Semiótica ou a Semiologia – desponta, nos estudos bartheanos dos anos sessenta, comprometida com a chamada falácia linguístico-estrutural. Daí a suspeita erigida à categoria de descoberta pela posteridade de Roland Barthes:

“É preciso, em suma, admitir desde agora a possibilidade de revirar um dia a proposição de Saussure: a Linguística não é uma parte, mesmo privilegiada, da ciência geral dos signos: a Semiologia é que é uma parte da Linguística; mais precisamente, a

parte que se encarregaria das *grandes unidades significantes* do discurso.” (Barthes, 1964, p. 13)

Para Saussure, considerado fundador da linguística moderna, a língua não se confunde com a linguagem, da qual é apenas uma parte determinada, embora essencial: um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções aceitas pelos participantes do contrato social, para facilitar o exercício da linguagem nos indivíduos. Ele observa que “não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de construir uma língua, vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas.” Ou ainda, na mesma passagem:

“Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz

a unidade da linguagem.” (Saussure, 1916, p.18)

Acrescenta que a linguagem, na sua natureza heterogênea, se opõe à homogeneidade da língua, sistema de signos onde, de essencial, “só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas.” (Idem, p. 23) Trata-se de uma formulação importante para a discussão do nosso problema, porque mantém a língua em dimensões menos presunçosas e mais compatíveis com o rigor da investigação científica apontado por Saussure.

Na conhecida passagem do *Curso de linguística geral* em que compara a língua com outros sistemas de signos, Saussure anuncia:

“Pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de *Semiologia* (do grego *semeion*, «signo»). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os re-

gem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está delimitado de antemão. A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos.

Cabe ao psicólogo determinar o lugar exato da Semiologia; a tarefa do linguista é definir o que faz a língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos.” (Saussure, 1916, p. 24)

Das ideias de Saussure aqui referidas, convém sublinhar o fato dele considerar a língua como um sistema de signos convencionais que não podem ser criados nem modificados por simples iniciativa individual, dependendo inteiramente da sociedade em que são produzidos. Este sistema se distingue daqueles outros onde os signos não estão submetidos ao contrato social; ou onde a coerção do contrato é mais frouxa.

Cabe então especular: no texto poético, onde o autor faz valer a iniciativa pessoal, numa atitude igualmente seguida pelo leitor enquanto coautor, estaríamos ainda nos domínios da língua falada pela cultura, ou adentramos a porta de uma outra semiótica?

Na perspectiva saussuriana, penso eu, entraríamos nos domínios de uma semiótica poética, constituída por seus próprios signos e por seu próprio sistema semântico; embora sustentando as formas da expressão no sistema da língua de base.

Os poetas fundadores da modernidade, mesmo quando não tinham uma consciência precisa da ruptura efetivada com a tradição, conseguiam realizar a tarefa, graças às *antenas* das quais nos fala Ezra Pound.

O SIGNO POÉTICO, VIAGEM NO TEMPO

Se os *Elementos de semiologia* aceitam a submissão da poética à linguística estrutural, num dos momentos em que o pensamento de Roland Barthes mais se aproxima das lições jakobsonianas, podemos rastrear a trajetória do signo poético nos textos de Barthes, graças a diversidade de perspectiva que caracteriza sua obra.

O estabelecimento do conceito de *escritura* implica a compreensão da língua como um conjunto de prescrições e hábitos comuns, que passa através do discurso ficcional sem interferir na forma através da qual compreende o mundo. “O escritor não extrai nada dela: para ele, a língua constitui antes uma linha cuja

transgressão designará talvez uma sobrenaturalidade da linguagem”. (Barthes, 1953, p. 121) A ruptura operada entre a escritura e a língua propicia a existência de um processo de significação divergente daquele conduzido pelo sistema linguístico.

Barthes parte do princípio segundo o qual escritores que falam o mesmo estado histórico da língua francesa, como Mérimé e Lautréamont, Mallarmé e Céline, por exemplo, usam escrituras profundamente diferenciadas, embora marcadas pelos usos anteriores, porque, segundo sua conhecida afirmativa, “a linguagem nunca é inocente”, posto que as palavras têm uma caixa preta de memória se perpetua em meio às novas significações. A escritura está fraturada pela tensão entre duas forças: as novas proposições e a tradição.

Respondendo a um questionário da revista *Tel quel*, em 1963, Barthes observa que

“[...] o jogo dos significantes pode ser infinito, mas o *signo literário* [o grifo é nosso] permanece imutável: desde Homero até as narrativas polinesianas, ninguém jamais

transgrediu a natureza ao mesmo tempo significante e decepcionante dessa linguagem intransitiva, que «duplica» o real (sem se juntar a ele) e que chamamos de «literatura»: talvez precisamente porque ela é um *luxo*, o exercício do poder inútil que os homens têm de fazer *vários* sentidos com uma só palavra.” (Barthes, 1966, p. 174)

É precisamente esse compromisso que estabelece a estrutura do que Hjelmslev denominou de *semiótica conotativa*, onde a expressão e o conteúdo de uma semiótica primeira, *denotativa*, constituem o plano da expressão da *semiótica poética*. Mas Barthes (1964, p. 96), nos *Elementos de semiologia*, não assume, plenamente, a compreensão da obra de arte literária como um discurso autônomo; tanto que, quando passa da prática à teoria, remete a literatura ao que ele chama de linguística da conotação.

Ao contrário de negar peremptoriamente a existência do signo poético, como faz Umberto Eco, Barthes estabelece as condições da sua existência:

“A conotação, por ser ela própria um sistema, compreende significantes, significados e o processo que os une uns aos outros (significação), e é o inventário destes três elementos que se deveria primeiro empreender para cada sistema. Os significantes de conotação, que chamaremos *conotadores*, são constituídos por *signos* (significantes e significados reunidos) do sistema denotado [...]. Quanto ao significado de conotação, tem um caráter ao mesmo tempo geral, global e difuso”. (Barthes, 1964, p. 86)

O objetivo perseguido, nos *Elementos de semiologia*, de aplicar o método, a terminologia e as dicotomias saussurianas ao estudo das diversas semióticas, termina conduzindo a teoria bartheana a um nó que ele próprio havia desfeito em *O grau zero da escritura*. Seu dessemearanhar permitia a cisão entre o conceito clássico e o moderno de linguagem.

Enquanto a perspectiva tradicional confina a língua ao papel de meio de expressão do pensamento previamente formado, ou de “tradução” de uma realidade anterior, a concep-

ção que hoje se torna cada vez mais amplamente aceita identifica *linguagem e pensamento*, entendendo a constituição da realidade humana como um processo indissociável da constituição da sua linguagem.

É este mesmo nó que, iluminado pela poesia de Fernando Pessoa, permanece cego nos seus textos teóricos. A formação intelectual do poeta, enquanto cidadão do fim do século XIX e alvorecer do século XX, conduzia a um pensamento científico alimentado pela tradição filosófica vigente na época, enquanto o discurso *fingido* das vozes que lhe habitavam estabelecia os fundamentos da modernidade.

A dualidade ótica presente no poeta, clivado pela bipartição *teórico-criador*, como marca de um momento histórico responsável por grandes transformações do espírito, vai reparar, igualmente, o pensamento filosófico-científico do século XX. Os teóricos da linguagem, quer sejam semiólogos, críticos ou linguistas, apesar da busca de sistematização imposta pelo neopositivismo na sua vertente estrutural, como homens da modernidade, lançam as bases do novo pensamento, mas, como

herdeiros de uma tradição, continuam sustentando o novo pensamento em velhos princípios – contraditórios.

Assim é que o mesmo formalismo russo, responsável pela noção de *estranhamento* e de *língua literária*, reduz a poesia a uma das funções da linguagem verbal ou da língua. O mesmo estruturalismo, capaz de nos fazer perceber a linguagem como forma de conhecimento e constituição da realidade, ou como “morada” do real, também sustenta o desenvolvimento de algumas formulações posteriores na negação das suas redescobertas.

O Barthes que reduz as várias formas de conhecimento e as diferentes semióticas às formas descritas pela linguística, conforme as oposições dicotômicas dos *Elementos de semiologia*, é o mesmo que propõe o conceito de *escritura* como fundamento da especificidade do discurso literário. Mas também já se disse que são muitos os Barthes, os Jakobson, os Eco... São vozes de muitos Ecos.

Num capítulo de *O grau zero da escritura*, destinado a responder à pergunta se “Existe uma escritura poética?”, Barthes nos permite

compreender porque a tradição teórica mais prestigiosa continua tentada a submeter a semiótica poética à estrutura semiótica da língua. E compreender também porque a arte não é incluída entre as formas de conhecimento, com a necessária ênfase na sua natureza cognoscente. Suas considerações a respeito da poesia clássica constituem lição reveladora. Esta poesia era

“[...]sentida apenas como uma variação ornamental da prosa, o fruto de uma *arte* (ou seja, de uma técnica), nunca como uma linguagem diferente ou como o produto de uma sensibilidade particular. Toda poesia, então, nada mais é que a equação decorativa, alusiva ou carregada, de uma prosa virtual, que jaz em essência e potência em todos os modos de expressão.” (Barthes, 1953, p. 140)

Algumas páginas depois, ele explica:

“Escritura instrumental, pois a forma era considerada a serviço do fundo, como uma

equação algébrica está a serviço de um ato operatório; ornamental, pois esse instrumento era decorado com acidentes exteriores à sua função, tomados sem escrúpulos à Tradição [...]. Sem dúvida, os escritores clássicos também conheceram a problemática da forma, mas o debate não dizia respeito à variedade e ao sentido das escrituras, menos ainda à estrutura da linguagem; só estava em causa a retórica, isto é, a ordem do discurso pensado segundo uma finalidade de persuasão.” (Idem, p. 148)

Veja-se, a propósito, a teoria jakobsoniana das funções linguísticas e a presença das diversas funções nos discursos marcados pela predominância de uma função particular. O velho formalista afirma que a função poética está presente em discursos outros que não a poesia.

Como acrescenta Barthes, segundo a concepção clássica, a poética não cobre um novo espaço, não se refere a uma captação particular do sentimento nem a um universo paralelo. Ela dá conta, tão somente, de uma técnica

verbal, de uma expressão segundo regras *mais belas* e, por conseguinte, mais sociais. Somente a partir de uma ruptura com tais concepções, é possível dar conta da teoria do texto apontada pela obra pessoana.

Tomando como ponto central o sentido clássico de “arte” como técnica, ou modo de fazer bem, Barthes demonstra como a velha filosofia da arte, ou seja, a estética, a “ciência do belo”, é apenas uma disciplina cosmética da expressão. Talvez seja por tão altas razões filosóficas que as vendedoras e aplicadoras de produtos de beleza se autodenominem de *estetistas*. Haveria um secreto sabor de saber na identificação...

“A função do poeta clássico não é, portanto, encontrar palavras novas, mais densas ou mais brilhantes, mas ordenar um protocolo antigo, aperfeiçoar a simetria ou a concisão de uma revelação, levar ou reduzir um pensamento ao limite exato de um metro.” (Barthes, 1953, p. 142)

São os poetas modernos, cuja aparição é propiciada pelo romantismo, que superam esta

“poética”, instituindo seu texto como uma natureza circular, alternativa. Como uma outra natureza. É esse sentido de modernidade que, partindo de poetas como Poe e Baudelaire, chega ao sentido radical de Pessoa. A poesia deixa de ser uma prosa decorada e amputada de liberdade, para ser uma *ficção*, ao lado de outras ficções chamadas de realidade, como queria Pessoa.

Os poetas fundadores da modernidade, mesmo quando não tinham uma consciência precisa da ruptura efetivada com a tradição, conseguiam realizar a tarefa, graças às *antenas* das quais nos fala Ezra Pound no *ABC da literatura*. Veja-se aí a apresentação da edição brasileira feita por Augusto de Campos, “As antenas de Ezra Pound”. (Campos apud Pound, 1970, p. 13)

Por isso mesmo, o artista se diferencia do cientista, na medida em que o primeiro diz mais do que sabe, e o segundo sabe mais do que diz.

Se uma concepção tradicional do artista, ou uma poética tradicional, estabelece seus padrões valorativos com base na habilidade do escritor para ordenar de maneira mais vistosa as velhas questões que lhe são colocadas, o ar-

tista estará reduzido a um mero artesão do seu ofício.

Por isso é que Barthes traça o paralelo, marcando as posições divergentes. Ao contrário da literatura tradicional, na poética moderna, as palavras produzem uma espécie de *contínuo formal* responsável por uma densidade até então impossível. A fala é, no dizer de Roland Barthes, *o tempo espesso de uma gestação*, tempo este durante o qual o pensamento é preparado, instalado pouco a pouco pelo acaso das palavras. “Esse acaso verbal de onde vai cair o fruto maduro de uma significação, supõe portanto um tempo poético que não é mais o de uma «fabricação», mas o de uma aventura possível, o encontro de um signo com uma intenção.” (Barthes, 1953, p. 141)

E acrescenta ainda em *O grau zero da escrita*:

“Aqui, as relações fascinam; é a Palavra que alimenta e satisfaz como a súbita revelação de uma verdade; dizer que tal verdade é de ordem poética equivale apenas a dizer que a Palavra poética nunca pode ser falsa porque é total; ela brilha com uma li-

berdade infinita e prepara-se para resplandecer [...]. A palavra poética é, neste caso, um ato sem passado imediato, um ato sem contornos, e que propõe apenas a sombra espessa dos reflexos de toda a procedência que lhe estão ligados. Assim, sob cada Palavra da poesia moderna jaz uma espécie de geologia existencial, onde se reúne o conteúdo total do nome”. (Idem, p. 143)

Contrariamente, na outra margem, oposta à da palavra poética, fica a palavra enquanto signo da língua comum, a respeito da qual Roland Barthes escreveu na sua *Aula magna*:

“Por outro lado, os signos de que a língua é feita, os signos só existem na medida em que são reconhecidos, isto é, na medida em que se repetem; o signo é seguidor, gregário; em cada signo dorme este monstro: um estereótipo: nunca posso falar senão recolhendo aquilo que se *arrasta na língua*.” (Barthes, 1977, p. 15)

A poesia moderna, conclui Barthes, se opõe

à arte clássica por uma diferença que abrange toda a estrutura da linguagem. Pela boca de Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros em Lisboa, Pessoa anuncia à posteridade:

– “Minha alma é uma orquestra oculta; não sei que instrumentos tange e range, cordas e arpas, tímboles e tambores, dentro de mim. Só me conheço como sinfonia.” (Pessoa, 1982, p. 29)

Aqui, a questão da formação dos sentidos, de modo linear, conforme o exemplo da língua, ou constelar, como o fazem outras semióticas, reaparece sob a figura harmônica da orquestra. Mesmo sem captar analiticamente cada uma das vozes, o regente capta o todo: a sinfonia. Ou, se preferirem a leitura: não há uma apreensão precisa de cada um dos elementos significativos que constituem o todo, mas uma apreensão múltipla, simultânea – difusa, como se pudéssemos

“Beber a vida num trago, e nesse trago
Todas as sensações que a vida dá.”

(Pessoa, 1972, p. 473)

Para quem pensa, construir o material do pensamento durante o processo de pensar, seria antieconômico e atrofiaria o próprio processo. A construção do material durante o pensar conduziria a um devaneio da razão. Sabemos que o pensamento consciente é marcado por uma certa precisão ou objetividade, imposta pelos limitados e úteis contornos das significações linguísticas. Eles servem de marcos iniciais para a viagem do sujeito, rumo ao desconhecido e aos buracos negros do inconsciente; que nos fala e governa.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

Incluem-se neste item as referências às obras citadas e a bibliografia consultada e não referenciada.

ABREU, Maria Fernanda

1988 Fernando Pessoa nos países americanos de língua castelhana: Argentina e México. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Belo Horizonte, vol. XXII, nº 1110, 19 nov. 88, p. 8-11.

ADORNO, Theodor W.

1973 *Notas de literatura* [Noten zur Literatur III]; trad. Celeste Aída Galeão & Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.

AGOSTINHO, Santo

397 *Confissões* [Confessionum], trad. J. Oliveira Santos & Ambrósio de Pina. In *Confissões e De magistro*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

1980 *Do mestre* [De magistro], trad. Angelo Ricci. In: *Confissões e De magistro*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 291-324.

ANDRADE, Carlos Drummond de

1980 *A paixão medida*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 1914.

- ANDRADE, Mário de
1972 *O empalhador de passarinho*. 3ª ed., São Paulo, Martins/INL, 1972.
- ARBAIZAR, Philippe (org.)
1985 *Fernando Pessoa / Poète pluriel*. Paris, Centre George Pompidou, La Différence, [1985].
- ARISTÓTELES
1966 *Poética*, trad., prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Souza. Porto Alegre. Globo, 1966.
1969 *Metafísica*; trad. Leonel Vellandro. Porto Alegre, Globo, 1969.
- AUERBACH, Erich
1972 *Introdução aos estudos literários* [Introction aux etudes de philologie romane]; trad. José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A.
1989 Sobre as odes de Ricardo Reis. *Quinto Império; Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, Gabinete Português de leitura / Associação de Estudos Portugueses Hélio Simões, nº 2, 1989, p. 57-65.
- BACHELARD, Gaston
1970 *A poética do espaço* [La pétique de l'espace]; trad. Antonio Leal & Lília Leal. Rio de Janeiro, Eldorado, 1970.
- BACON, Francis
1620 *Novum organum - ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza* [Pars secunda operis quae dicitur novum organum sive indicia vera de interpretatione naturae], trad. e notas de J. A. R de Andrade. São Paulo, Abril Cultural 1979.
- BAKHTIN, Mikhail
1970 *La poétique de Dostoievski*. Paris. Seuil, 1970.
1979 *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [Marksizm i filosofija jazyka]; trad. (da ed. france-

- sa) Michel Lahud et alii; prefácio de Roman Jakobson. São Paulo, Hucitec, 1979.
- BARTHES, Roland
- 1977 *Aula* (Aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França) [Leçon], trad. e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Cultrix, s.d.
- 1966 *Crítica e verdade* [Critique et vérité], trad. Leyla Perrone-Moisés (contendo dezoito Ensaios Críticos e Crítica e verdade). São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1964 *Elementos de semiologia* [Éléments de semiologie]; trad. Izidoro Blikstein. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- 1957 *Mitologias* [Mythologies]; trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo, Difel, 1972.
- 1953 *Novos ensaios críticos – seguidos de O grau zero da escritura* [Le degré zéro de l'écriture suivi de Nouveaux essais critiques]; trad. Heloysa Dantas et alii. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- 1973 *O prazer do texto* [Le plaisir du texte]; trad. Mª Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, 1973.
- BARTHES, Roland et alii
- 1972 *Literatura e semiologia* [Seleção de ensaios da revista Communications]; trad. Célia Neves Dourado. Petrópolis, Vozes, 1972.
- 1976 *Masculino, feminino, neutro; ensaios de semiótica narrativa*; organização e tradução de Tania Carvalhal et alii. Porto Alegre, Globo, 1976.
- BAUDELAIRE, Charles.
- 1857 *Les fleurs du mal et autres poèmes*. Paris, Garnier Flammarion, 1964.
- BENVENISTE, Émile
- 1976 *Problemas de linguística geral* [Problèmes de linguistique générale]; trad. Mª da Glória Novak & Luiza Neri. São Paulo, Nacional / EDUSP, 1976.
- BLANCO, José

- 1983 *Fernando Pessoa. Esboço de uma bibliografia*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Porto, Centro de estudos pessoanos, 1983.
- BLIKSTEIN, Izidoro
1983 *Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade*. São Paulo, Cultrix, 1983.
- BOSI, Alfredo
1974 *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- 1983 *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Cultrix, 1983.
- BOURGOIS, Christian
1987 O caso Pessoa. *Jornal de letras, artes e idéias*. Ano VII, nº 248. Lisboa, 06 abr. 87, p. 12.
- BRANCO, Lúcia Castelo
1986 Chama-me Íbis e não te direi quem sou. Anotações sobre as cartas de amor de Fernando Pessoa. *Minas Gerais Suplemento Literário*. Nº 1.014. Belo Horizonte, 08 mar. 86, p. 4-5.
- BREUER, Joseph & FREUD, Sigmund
1893-1895 *Estudos sobre a histeria* [Studies in hysteria / Studien uber Hysterie]; trad. Christiano Oiticica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. II. Rio de Janeiro, 1974.
- BRITO, M^a de Fátima Ribeiro Souza
1988 *A intertextualidade na obra de José Saramago*. Comunicação ao XII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. São Paulo, USP, 26-29 abr. 88.
- BULFINCH, Thomas
1965 *O livro de ouro da mitologia. A idade da fábula* [The Age of Fable], trad. David Jardim Jr. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1965.
- CÂMARA, J. M. Bettencourt da
1988 Obras de Lopes Graça sobre poemas de Fernando Pes-

- soa. *Letras & Artes*. Porto, nº 11, 1º nov. 88, p. 12-13.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso
- 1970 Roman Jakobson e a linguística, in: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1973 O estruturalismo linguístico. *Revista Tempo Brasileiro: estruturalismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, nº 15/16, 1973, p. 5-43.
- 1973b *Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1973.
- 1974 *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. Rio de Janeiro, J, Ozon, 1974.
- CAMPOS, Augusto de
- 1970 *Re-visão de Kilkerry*. São Paulo, Fundo Estadual de Cultura, 1970.
- CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de
- 1975 *Teoria da poesia concreta; Textos críticos e manifestos, 1959-1969*. 2ª ed. São Paulo, Duas Cidades, 1975.
- CAMPOS, Haroldo de
- 1970 *Metalinguagem; ensaios de teoria e crítica literária*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- 1970b O poeta da linguística, in JAKOBSON: *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1972 *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- 1973 *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- CÂNDIDO, Antônio
- 1976 *Literatura e sociedade; estudos de teoria e história literária*. 5ª ed. revista. São Paulo, Nacional, 1976.
- CASSIRER, Ernst
- 1969 Le langage et la construction du monde des objets, in:

- CASSIRER et alii. *Essais sur le langage*. Paris, Minuit, 1969, p. 37-68.
- 1972 *La philosophie des formes symboliques*. Vol. I: *Le langage* [Philosophie der symbolischen Formem] traduit de l'allemand par Ole Hansen-Love et Jean Lacoste. Paris, Minuit, 1972.
- 1972b *La philosophie des formes symboliques*. Vol. II: *La pensée mytique* [Philosophie der Symbolischen Formen], traduit de l'allemand par Jean Lacoste. Paris, Minuit, 1972.
- 1972c *Linguagem e mito* [Sprache und Mythos: Ein Beitrag zum Problem der Goetternamen]; trad. J. Guinsburg & Miriam Schnaiderman. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- 1977 *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem* [An essay on man]; trad. Vicente Queiroz. 2ª ed. São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- CENTENO, Y. K.
1985 *Fernando Pessoa. O amor, a morte, a iniciação*. Lisboa, A Regrado Jogo, 1985.
- CHAUÍ, Marilena
1984 *O que é ideologia*. São Paulo, Abril Cultural/ Brasiliense, 1984.
- CHKLOVSKY, Vítor
1971 A arte como procedimento, in: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura; formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro, Mª Aparecida Pereira, Regina Zilberman e Antônio Holfeldt. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 39-56.
- CHOMSKY, Noam
1972 *Linguagem e pensamento* [Language and mind], trad. Francisco M. Guimarães. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1973.
1972b *Linguística cartesiana: Um capítulo da história do pensamento racionalista* [Cartesian linguistics: a chapter in the history of rationalist thought]; trad. Francisco

- M. Guimarães. Petrópolis, Vozes / Universidade de São Paulo, 1972.
- 1975 *Aspectos da teoria da sintaxe* [Aspects of the theory of syntax], trad. introdução, notas e apêndices de José Antonio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra, Arménio Amado, 1975.
- COELHO, António Pina
1971 *Os fundamentos filosóficos da obra de Fernando Pessoa*. Vol. II. Lisboa, Verbo, 1971.
- COELHO, Jacinto do Prado
1983 *Camões e Pessoa, poetas da utopia*. Mem Martins, Europa-América [1983].
1985 *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. 8ª ed. Lisboa, Verbo, 1985.
- COELHO, Nelly Novaes
1973 *Escritores portugueses*. São Paulo, Quiron, 1973.
1980 *Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. 3ª ed. São Paulo, Quiron, 1980.
1982 *A literatura infantil: história, teoria, análise*. 2ª ed. São Paulo, Quiron, 1982.
1983 Fernando Pessoa, a dialética do ser-em-poesia, in: PESSOA. *Obra poética*; 8ª ed.. org. e notas de Mª Eliete Galhoz, introd. de Nelly Novaes Coelho. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. XIII-XLIII.
1985 O livro do desassossego. “Grau zero” da heteronímia fernandina? *Encontro*; Revista de cultura do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco. Recife, nº 5, 1985, p. 95-102.
1989 Vibrações ou convergências pessoais na poesia brasileira contemporânea. *Minas Gerais Suplemento literário*, nº 1.129. Belo Horizonte, 2 set., 1989, p. 2-3.
- COMTE, Auguste
1978 Linguagem. In: *Auguste Comte: sociologia*; org. e trad. Evaristo de Moraes Filho. São Paulo, Ática, 1978, p. 134-133.

- CONDILLAC, Étienne Bonnot de
 1979 *Lógica ou Os primeiros desenvolvimentos da arte de pensar* [Logique]; trad. Nelson Aguiar. In Condillac et alii: *Textos escolhidos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 71-134.
- CORBISIER, Roland
 1974 *Enciclopédia filosófica*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- CORTÁZAR, Julio
 1074 *Valise de cronópio*; trad. Davi Arrigucci Jr. & João Alexandre Barbosa, org. Haroldo de Campos & Arrigucci Jr. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- COSERIU, Eugenio
 1952 *Sistema, norma y habla*. Montevideo, Universidad de la Republica, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1952 (Utilizamos para as citações a edição espanhola, onde o livro integra o volume *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed., revisada e corregida, Madrid, Gredos, 1973, p. 11-113).
- 1954 *Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje*. Montevideo, Universidad de la Republica, facultad de Humanidades y Ciências, 1954 (Utilizamos para as citações a edição espanhola, onde o livro integra o volume *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed. revisada y corregida, Madrid, Gredos, 1973, p. 115-234).
- 1958 *Sincronía, diacronía e história: el problema del cambio lingüístico*. Montevideo, Universidad de la republica, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1958.
- COUTINHO, Carlos Nelson
 1972 *O estruturalismo e a miséria da razão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- CROCE, Benedetto
 1067 *A poesia*. Introdução à crítica e história da poesia e da literatura [La poesia. Introduzione alla critica e storia della poesia e della letteratura]; trad. Flávio Loureiro

- Chaves. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1967.
- CURTIUS, Ernest Robert
1979 *Literatura européia e idade média latina* [Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter]; trad. Teodoro Cabral, com colaboração de Paulo Rónai. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.
- CURY, Jorge
1986 Do ultimatum de 1890 ao ultimatum de 1917; da intertextualidade pessoana. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1986, p. 97-103.
- DAL FARRA, Maria Lúcia
1968 Para uma “biografia” de um monárquico sem rei: Ricardo Reis. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1968, p. 77-87.
- DEGÉRANDO, Marie-Joseph
1979 *Dos signos e da arte de pensar considerados em mútuas relações* [Des signes et de l’art de penser considérés dans leurs rapports mutuels], trad. Franklin Leopoldo e Silva e Victor Knoll. In CONDILLAC, HELTETIUS E DEGÉRANDO: *Textos Escolhidos*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 323-430.
- DEMÓCRITO (de Abdera)
1978 Fragmentos; trad. Paulo F. Flor. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxigrafia e comentários*. Seleção de José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 309-360.
- DIAS, Mª Heloisa Martins
1984 *Fernando Pessoa: Um “interlúdio” intertextual*. Rio de Janeiro, Achiamé, Fundação Cultural Brasil-Portugal, 1984.
- DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan
1974 *Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje*

- [Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage]; trad. Enrique Pezzoni. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1974.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos
 1980 *A paixão medida*. 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.
- 1984 Amor e seu tempo. *Jornal de cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, 6 jan. 84, p. 1.
- 1988 As identidades do poeta [Poema sobre Fernando Pessoa]. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XXII, nº 1.110, Belo Horizonte, 19 nov. 1988, p. 2.
- DUARTE, Lélia Parreira
 1988 Fernando, rei da nossa Baviera, de Eduardo Lourenço: um jogo no limite do silêncio. *Letras & Artes*, nº 11, Porto, 1º nov. 88, p. 11-12.
- ECO, Umberto
 1962 *Obra aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas* [Opera aperta]; trad. Pérola de Carvalho. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- 1964 *Apocalípticos e integrados* [Apocalottici e integrati]; trad. Rodolfo Ilari e Carlos Vogt. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, s.d.
- 1968 *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica* [La struttura assente]; trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Universidade de São Paulo, 1971.
- 1971 *As formas do conteúdo* [Le forme del contenuto]; trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Universidade de São paulo, 1974.
- 1973 *O signo* [Segno]; trad. Mª de Fátima Marinho. Lisboa, Presença, 1977.
- 1975 *Tratado geral de semiótica* [Trattato di semiotica generale]; trad. Antonio de Pádua Danesi e Valéria O. de Souza. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- 1977 *Como se faz uma tese* [Como se fa una tesi di laurea];

- trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo Perspectiva, 1983.
- 1984 *Conceito de Texto* [O livro é a transcrição das aulas proferidas pelo autor na Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, no segundo semestre de 1979]; trad. Carla de Queiroz. São Paulo, T. A. Queiroz, Universidade de São Paulo, 1984.
- ELIOT, T. S.
- 1972 *A essência da poesia* [One poet and one poetry]; trad. M^a Luiza Nogueira. Rio de Janeiro, 1972.
- EIKHENBAUM, Boris
- 1971 A teoria do “método formal”. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro, M^a Aparecida Pereira, Regina Zilberman e Antônio Hohlfeldt. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 3-38.
- FEBVRE, Lucien
- 1978 A aparelhagem mental (1. Palavras que faltam). In: *História*; org. Carlos Guilherme Mota, trad. A. Marson et alii. São Paulo, Ática, 1978, p. 55-58.
- FERREIRA, Vergílio
- 1969 *Mudança*; romance. 3^a ed. Lisboa, Portugal, 1969.
- FOUCAULT, Michel
- 1971 *A arqueologia do saber* [L'archéologie du savoir]; trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis, Vozes, 1971.
- FREUD, Sigmund
- 1891 Palavras e coisas (Fragmento da monografia sobre afasia. Apêndice a O inconsciente). *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- 1893 Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1893-1895 *Estudos sobre a histeria*. Cf. BREUER & FREUD.
- 1895 *Projeto para uma psicologia científica* [Entwurf einer

- Psychologie / Project for a scientific psychology]; trad. José Luis Meurer. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977, p. 379-517.
- 1896 Carta 46. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1897 Carta 79. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1899 *A interpretação de sonhos*. [Die Traumdeutung]; trad. Walderedo Ismael de Oliveira. *Edição Standard Brasileira*, Vols. IV e V. Rio de Janeiro, Imago, 1972.
- 1905 *Os chistes e sua relação com o inconsciente* [Der Witz und seine Beziehung zum unbewussten]; trad. Margarida Salomão. *Edição Standard Brasileira*, Vol. VIII. Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- 1906 *Delírios e sonhos na «Gradiva» de Jansen* [Der Wahn und die traume in W. Jansens «Gradiva»]; trad. M^a Aparecida Rego. *Edição Standard Brasileira*, Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-100.
- 1908 *Escritores criativos e devaneio* [Der Dichter und das Phantasiaren / The relation of the poet to daydreaming]; trad. M^a Aparecida Rego. *Edição Standard Brasileira*, Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 143-158.
- 1911 *A significação das sequências de vogais* [Die Bedeutung der Vokalfolge] ; trad. José Octávio Abreu. *Edição standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s.d.
- 1911-1913 *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* [Formulierung über die zwei Prinzipien des Psychischen Geschehens / Formulations regarding the two principles in mental functioning]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII.

- Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 271-286.
- 1912 Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise [A note on the unconscious in psycho-analysis], trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s.d., p. 321-334.
- 1912-1915 O ego e o id [Das Ich und das Es / The Ego and the Id]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, (1976), p. 11-83.
- 1913 O temas dos três escrínios [Das Motiv der Kastchenwahl / The theme of the three caskets]; trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, s.d., p. 363-379.
- 1915 O inconsciente [The unconscious / Das Unbewusste]; trad. Tamira Brito et alii. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 183-245.
- 1915-1917 Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos [Metapsychological supplement to the theory of dream]; trad. Themira Brito et alii. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, 247-267.
- 1920 *Além do princípio do prazer* [Jenseits des Lustprinzips]; trad. Cristiano Monteiro Oiticica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-179.
- 1924-1915 Uma nota sobre o ‘bloco mágico’ [Notiz uber den ‘Wunderblock’ / A note upon the ‘Mystic writingpad’]; trad. J. Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 281-190.
- 1925 A negativa [Die Verneinung / Negation]; trad. J. Octávio de Aguiar Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 291-300.
- 1925-1926 Um estudo autobiográfico [Selbstdarstellung / An

- autobiographical study]; trad. Cristiano Monteiro Oiticica. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-92.
- 1926-1929 O futuro de uma ilusão [Die Zukunft einer Illusion / The future of an ilusion]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, (1976), p. 11-71.
- 1930-1936 *O mal-estar na civilização* [Das unbehagen in der Kultur / Civilization and its discontents]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, (1976), p. 73-171.
- 1939 Moisés e o monoteísmo [Moses and monotheism], trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975, p. 11-161.
- 1940 Esboço de psicanálise [An outline of psycho analyses]; trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975 p. 163-237.
- FROMM, Erich
- 1980 *A linguagem esquecida*. Uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos [The forgotten language. An introduction to the Understanding of dreams, fairy tales and myths]; trad. Octavio Alves Velho. 7ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- GABBI JR., Osmyr Faria
- 1968 A crise conceitual da psicanálise (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP. *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanálise], nº 499, São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 68, p. 4-6.
- GALHOZ, Mª Aliete
- 1972 Fernando Pessoa, encontro de poesia. In: PESSOA. *Obra poética*; org., introdução e notas de Mª A. G., 4ª ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972. p. 15-60.
- GOMES, Manuel João

- 1986 Um Fausto em fragmentos. *Jornal de Letras, Artes & Idéias*, Ano VI, n° 199, Lisboa, 28 abr. 86, p. 19.
- 1986b Um pacto com Satanás. *Jornal de Letras, Artes & Idéias*, Ano V, n° 187, Lisboa, 4-10 fev. 86, p. 5.
- GOTLIB, Nádia Battella (Org.)
- 1988 *Porque tudo é a vida*. Número especial, sobre Fernando Pessoa, do *Minas Gerais Suplemento Literário*. Belo Horizonte, Ano XXII, n° 1.110, 19 nov. 1988.
- GRAMSCI, Antonio
- 1978 *Concepção dialética da história* [Il materialismo storico e la filosofia de Benedetto Croce]; trad. Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- GREIMAS, Algirdas Julien
- 1975 *Sobre o sentido. Ensaios semióticos* [Du sens. Essais sémiotiques]; trad. Ana Cristina Cezar et alii. Petrópolis, Vozes, 1975.
- GREIMAS et alii
- 1975 *Ensaios de semiótica poética*; organização de A. J. Greimas [Essais de sémiotique poétique]; trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1975.
- GUERREIRO, Mário
- 1977 Signo sonoro & signo musical: um esboço de psicologia fenomenológica. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, Vol. I, n° 2, 1977, p. 45-57.
- GUIMARÃES ROSA, João
- 1970 *Ave, palavra*; nota introdutória de Paulo Rónai. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970, 276 p.
- 1971 Literatura deve ser vida – um diálogo de Gunter Lorenz com João Guimarães Rosa. In: *Exposição do novo livro alemão no Brasil / Deutsche Buchausstellung in Brasilien*. Frankfurt am Main, 1971, p. 267-312.

- GUIMARÃES, Ruth
1972 *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo, Cultrix, 1972.
- HAYES, Curtis W.
1972 Linguística e literatura: prosa e poesia. In: HILL. *Aspectos da linguística moderna*, São Paulo, Cultrix, 1972, p. 176-191.
- HEIDEGGER, Martin
1979 *Conferências e escritos filosóficos*; tradução, introdução e notas de Ernildo Stein. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- HERÁCLITO de Éfeso
1978 Fragmentos; trad. J. Cavalcante de Souza. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxografia e comentários*; seleção de José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 73-136.
- HILL, Archibald A. (Org.)
1972 *Aspectos da linguística moderna* [Linguistics]; trad. Aldair Palácio, M^a Azevedo e M^a Celani. São Paulo, Cultrix, 1972.
- HJELMSLEV, Louis
1971 *El lenguaje* [Sproget]; trad. M^a Victória Catalina. Madrid, Gredos, 1971.
1971b La forme du contenu du langage comme facteur social. In HJELMSLEV: *Essais linguistiques* (Choix des articles par l'auteur). Paris, Minuit, 1971, p. 97-104.
- 1975 *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* [Omkring sprogteoriens grundloeggelse]; trad., segundo o texto inglês, J. T. C. Netto. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- 1976 *Sistema lingüístico y cambio lingüístico*; versión española de B. Pallares Arias. Madrid, Gredos, 1976.
- 1976b *Princípios de gramática general* [Principes de grammaire générale]; versión española de Félix Piñero Torre. Madrid, Gredos, 1976.

- HOBBS, Thomas
- 1640 *A natureza humana* [The elements of law, natural and politic]; trad. introdução e notas de João Aloísio Lopes. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1983.
- 1651 *Leviatã*; ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil; trad. João P. Monteiro & M. B. Nizza Silva. São Paulo, Abril, 1979.
- JACQUART, Emmanuel
- 1975 Ionesco: ideologia como linguagem (entrevista com Eugéne Ionesco). *Jornal de Cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, n° 21, 02 fev. 75, p. 7.
- JAKOBSON, Roman
- 1960 Linguística e poética. In JAKOBSON. *Linguística e comunicação*; organização de Izidoro Blikstein, trad. I. Blikstein & José Paulo Paes (com base nos textos em inglês enviados pelo autor). 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1969.
- 1969 *Linguística e comunicação*; organização de Izidoro Blikstein, trad. I. Blikstein & José Paulo Paes (com base nos textos em inglês enviados pelo autor). 2ª ed. São paulo, Cultrix, 1969.
- 1970 *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil; org. Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman, trad. Francisco Achcar et alii. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1971 Do realismo artístico. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; organização, apresentação e apêndice de Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 119-127.
- 1974 *Relação entre a ciência da linguagem e as outras ciências* [Linguistics in relation to other sciences]; trad. Mª Fernanda Nascimento. Lisboa, Bertrand, 1974.
- 1974b O que fazem os poetas com as palavras (Conferência

- proferida em Portugal). *Jornal de Cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, nº 14, 14 jun. 74, p. 8.
- 1976 *Six leçons sur le son et le sens*. Preface de Claude Lévi-Strauss. Paris, Minuit, 1976.
- JAKOBSON, Roman & Krystina Pomorska
 1985 *Diálogos* [Dialogues / Biessiédi]; trad. do texto francês por Elisa Kossovitch, cotejo com o original russo, alterações e traduções de trechos ausentes na versão francesa por Boris Schnaiderman & Léon Kossovitch. São Paulo, Cultrix, 1985.
- JAKOBSON, Roman & STEGANO PICHIO, Luciana
 1970 Os orímoros dialéticos de Fernando Pessoa. In: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 93-118.
- JAKOBSON, Roman & TYNIANOV, Júri
 1971 Os problemas dos estudos literários e linguísticos. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; organização, apresentação e apêndice de Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-98.
- JAUSS, Hans Robert et alii
 1979 *A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção*; seleção e trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1979.
- JUNG, Carl Gustav
 1974 *Tipos psicológicos* [Psychologische Typen]; trad. e apresentação de Álvaro Cabral. 2ª ed., Rio Zahar, 1974.
 1979 *O eu e o inconsciente* [Zwei Schiften uber Analytische Psychologie. Die Beziehungen zwischen den Ich und dem Unbewussten]; trad. Dora Ferreira da Silva, Petrópolis, Vozes, 1979.
 1980 *Psicologia do inconsciente* [Zwei Schift en uber Analytische Psychologie. Uber die Psychologie des Unbewussten]; trad. Mª Luiza Appy. Petrópolis, Vozes, 1980.

- KAYSER, Wolfgang
 1970 *Análise e interpretação da obra literária*. Introdução à ciência da literatura. Trad. Paulo Quintela. 2 volumes. 5ª ed. Coimbra, Armênio Amado, 1970.
- KRISTEVA, Júlia
 1974 *História da linguagem* [Le langage, cet inconnu]; trad. Mª Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, 1974.
 1974b *Introdução à semanálise* [Recherches pour une sémanalyse]; trad. Lúcia Ferraz. São paulo, Perspectiva, 1974.
 1976 Ideologia do discurso sobre a literatura. In: Barthes. *Masculino, feminino, neutro: ensaios de semiótica narrativa*; org. e trad. Tânia Carvalhal et alii. Porto Alegre, Globo, 1976, p. 129-138.
- KUJAWSKI, Gilberto de M.
 1979 *Fernando Pessoa, o outro*. 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 1979.
- LACAN, Jacques
 1966 *Écrits*. Paris, Seuil, 1966.
 1978 *Escritos* [Écrits]; trad. Inês Oseki-Derpé. São Paulo, Perspectiva, 1978.
 1979 *O seminário*. Livro I: *Os escritos técnicos de Freud* [Le séminaire. Livre I: Les Écrits techniques de Freud – 1953-1954]; trad. Betty Milan. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
 1979b *O seminário*. Livro XI: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [Le séminaire. Livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la Psycanalyse – 1964]; trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- 1953 *O mito individual do neurótico*; trad. Cardoso e Cunha et alii. Lisboa, Assírio & Alvim, 1980.
- 1981 *Le séminaire*. Livre III: *Les psychoses*. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris, Seuil, 1981.
- 1982 *O seminário*. Livro XX: *Mais, ainda* [Le séminaire. Livre XX: Encore]; trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

- LEACH, Edmund
1973 *As idéias de Lévi-Straus* [Lévi-Strauss]; São Paulo, Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1973, 119 p.
- LEBRUN, Gérard
s. d. Qual é o lugar da psicologia? *Psicologia atual*, Ano III, nº 17, s. d. p. 18-19.
- LEFEBRE, Henri
1980 *Lógica formal / Lógica dialética* [Logique formelle / Logique dialectique]; trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- LEIBNIZ, Wilhelm
1980 *Novos ensaios sobre o entendimento humano* [Nouveaux essais sur l'entendement humain par l'auteur du Systeme de l'harmonie préétablie]; trad. Luis João Barahúna. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- LEITE, Dante Moreira
1979 *O amor romântico e outros temas*. 2ª ed. ampl. São Paulo, Nacional / Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- LEMINSKI, Paulo
1978 Poesia. *Código*. Salvador, nº 3, ago. 1978.
- LEROY, Maurice
1971 *As grandes correntes da linguística moderna* [Les grands courants de la linguistique moderne]; trad. Izidoro Blickstein & José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1971.
- LETRAS & ARTES
1988 Dossier [sobre Fernando Pessoa]. *Letras e Artes*. Porto, nº 11, 1 nov. 88, p. 7-14.
- LEVIN, Samuel R.
1975 *Estruturas linguísticas em poesia* [Linguistics structures in poetry]; trad. José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1975, 108 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude

1958 *Antropologia estrutural* [Anthropologie structurale]; trad. Chaim Katz & Eginardo Pires. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.

1959 Aula inaugural [Leçon inaugurale]; trad. M^a Nazaré Soares. In COSTA LIMA (Org.). *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2^a ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 45-77.

1976 *O pensamento selvagem* [La pensée sauvage]; trad. M^a Celestre Souza & Almir Aguiar. São Paulo, Nacional, 1976.

LIMA, Francisco Ferreira de

1986 O reino e o habitat na poesia de Sophia de Mello Breyner. *Quinto império, Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, n^o 1, 1^o semestre de 1986, p. 79-92.

1989 Intenção, anti-intenção e seu ultrapas: as três margens de um rio. *Estudos linguísticos e literários*. Publicação Semestral do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador, N^o 6, dez. 89, p.43-61.

LIMA, Luiz Costa

1970 *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. (Org.) 2^a ed. Petrópolis, Vozes, 1970.

1976 *Estruturalismo e teoria da literatura*: introdução às problemáticas estética e sistêmica. Petrópolis, Vozes, 1973.

LIND, Georg Rudolf

1970 *Teoria poética de Fernando Pessoa*. Porto, Inova, 1970.

LIVROS DE PORTUGAL

1988 Um século de Pessoa. *Livros de Portugal*. Publicação mensal da Associação Portuguesa de Editores e Livreros. Lisboa, n^o 3, mar. 88.

LOBATO, Monteiro

1067 *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo, Brasiliense, 1967.

LOCKE, John

1978 *Ensaio acerca do entendimento humano* [An essay concerning human understanding]; trad. Anaor Aiex, 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

LOPARIC, Zeljko

1986 Uma leitura filosófica de Freud. (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP). *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanásile], n° 499. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 86, p. 6-8.

LOPES, Oscar

1986 *Os sinais e os sentidos*. Lisboa, Caminho, 1986.

LOPES, Teresa Rita

1985 *Fernando Pessoa. Le théâtre de l'être* (Textes rassemblés, traduits et mis en situation). Paris, Éditions de la Différence, 1985.

1987 Uma casa-museu para Pessoa e 'os de Orpheu'. *Jornal de letras artes e idéias*. Lisboa, Ano VII, n° 248, 6 abr. 87, p. 12.

LOURENÇO, Eduardo

1981 *Fernando Pessoa revisitado. Leitura estruturante de um drama em gente*. 2ª ed. Lisboa, Moraes, 1981.

1983 *Poesia e metafísica. Camões, Antero, Pessoa* Lisboa, Sá da Costa, 1983.

1986 *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1986.

LUKÁCS, Georg

1968 *Ensaio sobre literatura*; coordenação e prefácio de Leandro Konder; trad. Konder et alii. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

1970 *Introdução a uma estética marxista*. Sobre a particularidade como categoria da estética [Prolegomina a un'estetica marxista]; trad. Carlos Nelson Coutinho &

- Leandro Konder. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- s. d. *Teoria do romance* [Die Theorie des Romans]; trad. Alfredo Margarido. Lisboa, Presença, s.d.
- LYONS, John
- 1972 *O que é a linguagem? Introdução ao pensamento de Noam Chomsky* [Chomsky]; trad. Bruno da Ponte. Lisboa, Estampa, 1972.
- 1979 *Introdução à linguística teórica* [Introduction to theoretical linguistics]; trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva & Hélio Pimentel. São Paulo, Nacional, 1979, XXVI + 545 p. (Biblioteca Universitária, 13).
- LYONS, John (organização)
- 1976 *Novos horizontes em linguística* [New horizons in linguistics]; trad. Geraldo Cintra et alii. São Paulo, Cultrix.
- MAIAKOVSKI, Wladimir
- 1969 *Como fazer versos*; trad. Antonio Landeira & ^a Manuela Ferreira. Lisboa, Dom Quixote 1969.
- MANNHEIM, Karl
- 1976 *Ideologia e utopia* [Ideology and utopia: an introduction to the sociology of knowledge]; trad. Sérgio Santeiro. 3^a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- MANNONI, Maud
- 1983 *El síntoma y el saber* [Le symptôme et le savoir]; trad. Margarita Mizraji. Barcelona, Gedisa, 1983.
- MARCELLESI, Jean-Baptiste & GARDIN, Bernard
- 1975 *Introdução à sociolinguística. A linguística social* [Introduction à la sociolinguistique]; trad. M^a de Lourdes Saraiva. Lisboa, Aster, 1975.
- MARGARIDO, Alfredo: As inquietações plásticas de Bernardo Soares. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2^o semestre de 1985, p. 27-46.
- MARTINET, André

- 1973 *Elementos de linguística geral* [Éléments de linguistique générale]; trad. Jorge Morais Barbosa. 5ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1973.
- MARX, Karl
- 1978 *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Seleção de José Arthur Giannotti, trad. José Carlos Bruni et alii. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- 1956 *Teses sobre Feuerbach*. In: Trechos escolhidos sobre filosofia; trad. Inácio Rangel. Rio de Janeiro, Calvino, 1956, p. 60-63.
- 1956b *Trechos escolhidos sobre filosofia*; trad. Inácio Rangel. Rio de Janeiro, Calvino, 1956.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich
- 1846 *A ideologia alemã*. Vol. I. (Crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feurbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas); trad. Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Presença, s.d.
- 1846b *A ideologia alemã*. Vol. II; trad. Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Presença, s.d.
- 1971 *Sobre a literatura e a arte*; seleção e trad. Albano Lima. Lisboa, Estampa, 1971.
- 1978 *Manifesto do Partido Comunista* [Communist Manifest / Socialist Landmark]; trad. Regina Moraes, a partir da edição do Partido Trabalhista Britânico, em comemoração aos 100 anos do Manifesto. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- MCLUHAN, Marshall
- 1964 *Os meios de comunicação como extensões do homem* [Understanding media: the extensions of man]; trad. Décio Pignatari. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- MCLUHAN, Marshall & PARKER, Harley

1975 *O espaço na poesia e na pintura através do ponto de fuga* [Thought the vanishing point]; trad. Edson Bini et alii. São Paulo, Hemus, 1975.

MENN

1976 Cultura. *Enciclopédia Mirador Internacional*. São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1976, p. 3107-3113.

MERQUIOR, José Guilherme

1965 *Razão do poema*; ensaios de crítica e de estética. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

1969 *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin; ensaio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.

1972 *A astúcia da mímese. Ensaaios sobre lírica*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.

1972b *Saudades do carnaval. Introdução à crise da cultura*. Rio de Janeiro, Forense, 1972.

1975 *O estruturalismo dos pobres e outras questões*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

1980 *O fantasma romântico e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Vozes, 1980.

MIAZZI, M^a Luísa Fernandez

1972 *Introdução à linguística românica*. Histórico e métodos. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

MOISÉS, Massaud

1988 *Fernando Pessoa e a esfinge*. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1988.

1988b Fernando Pessoa prosador. In: PESSOA. *O banqueiro anarquista e outras prosas*; seleção e introdução de Massaud Moisés. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1988.

MONTEIRO, Adolfo Casais (Organização, seleção e notas)

- 1965 *A palavra essencial. Estudos sobre a poesia*. São Paulo, Nacional / Ed. da Universidade de São Paulo, 1965.
- 1981 *Fernando Pessoa. Poesia*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Agir, 1981.
- 1985 *A poesia de Fernando Pessoa* [Organização de José Blanco, contendo *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa* e outros textos pessoanos]. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- MONZANI, Luiz Roberto
- 1986 O suplemento e o excesso. (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP). *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanálise], nº 499. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 86, p. 2-3.
- MOURA, Maria Lacerda de
- [1970] Apêndice. In: Platão, *Apologia de Sócrates*; trad. e apêndice de M^a Lacerda de Moura; introdução de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d.
- MOREIRA, Virgílio Moretzsohn
- 1979 As cartas de amor que Fernando Pessoa escreveu – como se não fosse poeta *O Globo*, 20 mar. 79, p. 31
- NEVES, João Alves das
- 1980 Fernando Pessoa em francês. *Suplemento de O Estado de São Paulo*. Ano IV, nº 178, 30 mar. 80, p. 12-13.
- NIETZSCHE, Friedrich
- 1883-1885 *Assim falava Zaratustra* [Also sprach Zarathustra]; trad. Eduardo Nunes Fonseca, São Paulo, Hemus, s.d.
- 1986 *Ecce homo. Como alguém se torna o que é* [Ecce homo – Wie Man wird, was Man ist]; trad. Paulo César Souza. 2ª ed. São Paulo, Max Limonad, 1986.
- 1978 *Obras incompletas*; seleção de textos de Gérard Lebrun, trad. e notas de Rubens Torres F^o, posfácio de Antônio Cândido. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- NUNES, Benedito

- 1985 Personagem. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1985, p. 47-62.
- OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A.
1972 *O significado de significado*: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo; com ensaios suplementares de B. Malinowsky e F. G. Crookshank [The meaning of meaning; a study of the influence of language upon thought and of the science of symbolism]; trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- OLIVEIRA, Adelmo et alii
1972 *Breve romanceiro do natal*, Salvador, Beneditina, 1972 (Antologia com poemas de A. Oliveira, Antonio Brasileiro, Carlos Cunha, Carvalho Filho, Cid Seixas Fraga Filho, Fernando Batina de Mendonça, Florivaldo Mattos, Godofredo Filho, Humberto Fialho Guedes, Ildázio Tavares, José de Oliveira Falcón, M^a da Conceição Paranhos, Mariano Costa Rego (O. S. B.), Ruy Espinheira Filho e Wilson Rocha).
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso
1976 *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo, Pioneira, 1976.
- PADRÃO, M^a da Glória
1988 Para uma topologia da exclusão – aproximações. *Letras & Artes*, n^o 11, Porto, 1^o nov. 88, p. 8-9.
- PAES, José Paulo
1985 *Gregos & baianos*; ensaios. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- PAIVA, José Rodrigues de
1982 *Sobre o primeiro modernismo português*. Recife, Pirata, 1982.
- PASSOLINNI, Pier Paolo
1966 A poesia do novo cinema. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, maio de 1966, p. 270.
- PAZ, Otávio

- 1972 O desconhecido de si mesmo: Fernando Pessoa. In: *Signos em rotação*. São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 201-220.
- 1972b *Signos em rotação*; organização Celso Lafer & Haroldo de Campos; trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- PEIRCE, Charles Sanders
 1972 *Semiótica e filosofia* [Collected papers of Charles Sanders Peirce]; introd., seleção e trad. de Octanny Silveira da Mota & Leonidas Hegenberg. São Paulo, Cultrix, 1972.
- PELEGRINO, Hélio
 1974 Um rubi no umbigo. *Encontros com a Civilização Brasileira*, 9. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974, p. 193-204.
- PERINI, Mário Alberto
 1976 *A gramática gerativa. Introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte, Vigília, 1976.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla
 1973 *Falência da crítica. Um caso limite: Lautréamont*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- 1978 *Texto, crítica, escritura*. São Paulo, Ática, 1978.
- 1980 Lição de casa. In: BARTHES. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, [Leçon]; trad e pós-fácio de Leyla Perrone Moisés. São Paulo, Cultrix, s.d., p. 49-89.
- 1985 O livro do desassossego: do mundo em falta à palavra plena. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1985, p. 9-19.
- 1988 Os amores pagãos. *Minas Gerais Suplemento literário*, Ano XXII, nº 1.110. (*Pessoa. Porque tudo é a vida*, edição especial organizada por Nádia Battella Gotlib) Belo Horizonte, 19 nov. 88, p. 4-5.
- PESSOA, Fernando

- 1972 *Obra poética*; organização, introdução e notas de M^a Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972.
- 1975 *Ficções do interlúdio 1. Poemas completos de Alberto Caetano*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1975.
- 1975b *Ficções do interlúdio 2-3. Odes de Ricardo Reis. Para além do outro oceano de Coelho Pacheco*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1975c *Ficções do interlúdio 4. Poesias de Álvaro de Campos*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1976 *Obras em prosa*; organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1976b *Mensagem. À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais. Quinto Império. Cancioneiro*; anotações de M^a Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1978 *Cartas de amor*; organização, posfácio e notas de David Mourão-Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento do texto de M^a da graça Queiroz. Lisboa, Ática; Rio de Janeiro, Camões, 1978.
- 1982 *Livro do desassossego, por Bernardo Soares*. II volumes. Recolha e transcrição de textos: M^a Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha; prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, 1982.
- PICCHIO, Luciana Stegagno: Reunificação de Fernando Pessoa. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2^o semestre de 1985, p. 21-26.
- PICCHIO, Luciana Stegagno & JAKOBSON, Roman
1970 Os oxímoros dialéticos de Fernando Pessoa. In: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 93-118.
- PIGNATARI, Décio
1971 *Contracomunicação*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
1973 *Informação. Linguagem. Comunicação*. 6^a ed. São Paulo, Perspectiva, 1973.

- 1974 *Semiótica e literatura*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- PIMENTEL, Osmar:
- 1974 Língua, literatura e trópico. In: *Trópico &* (Trabalhos apresentados e debates travados no Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, no decorrer do ano de 1968, sob a direção de Gilberto Freire). Recife, Editora Universitária, UFPe., 1974, p. 37-113.
- PLATÃO
- 387-380 a. C. *Diálogos. Mênon – Banquete – Fedro*; trad. do grego por Jorge Paleikat. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s. d.
- 399 a. C. *Apologia de Sócrates*; trad. e apêndice de M^a Lacerda de Moura; introdução de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s. d.
- 1964 *A república*; trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre, Globo, 1964.
- 1966 *Obras completas*; traducción del griego, preámbulos y notas por María Araujo et alii. Madrid, Aguilar, 1966.
- POE, Edgard Alan
- 1965 *Ficção completa, poesia & ensaios*; organização, tradução e notas de Oscar Mendes, com a colaboração de Miltom Amado. Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.
- PORTELLA, Eduardo
- 1974 *Fundamento da investigação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1974.
- 1973 *Teoria da comunicação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.
- POUND, Ezra
- 1970 *ABC da literatura* [ABC of reading]; trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1970.
- 1976 *A arte da poesia*; ensaios escolhidos [How to read / A retrospect / The serious artist / The teacher's mission / Date line]; trad. Heloysa Dantas e José Paulo Paes.

- São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- PRIETO, Luis J.: *Mensagens e sinais* [Messages et signaux]; trad. Anne Arnichand & Álvaro Lorencini. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- QUADROS, Antônio
1984 *Fernando Pessoa. Vida, personalidade e gênio*. 2ª ed. Lisboa, Dom Quixote, 1984.
- READ, Hebert
1967 *As origens da forma na arte* [The origins of form in art]; trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.
- REICH, Wilhelm
1977 *Materialismo dialético e psicanálise* [Verlag fur Sexualpolitik]; trad. J. J. Ramos. Lisboa, Presença / Rio, Martins Fontes, 1977.
- RENZI, Emílio
1970 Sobre a noção do inconsciente de Lévi-Strauss. In: LIMA, Luis Costa. *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 107-113.
- RIBEIRO, Darcy
1970 *Os índios e a civilização*; a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
1975 *Configurações histórico-culturais dos povos americanos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- RIBEIRO, João
1969 *O forclore*. Rio de Janeiro, Simões / Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro-MEC, 1969.
- RICARDO, Cassiano
1964 *Algumas reflexões sobre poética de vanguarda*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.
- RICOEUR, Paul
1970 Estrutura e hermenêutica. In: LIMA, Luis Costa (Org.). *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis,

- Voices, 1970, p. 157-191.
- 1977 *Da interpretação: ensaio sobre Freud* [De l'interprétation: essai sur Freud]; trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques
- 1756 *Ensaio sobre a origem das línguas; no qual se fala da melodia e da imitação musical* [Essai sur l'origine des langues où il est parlé de la mélodie et de l'imitation musicale]; trad. Lourdes Machado. *Obras políticas*, Vol. II. Porto Alegre, Globo, 1962, p. 417-479.
- 1762 *Do contrato social; ou Princípios do direito político* [Du contrat social ou principes du droit politique]; trad. Lourdes Machado. *Obras políticas*. Vol. II. Porto Alegre, Globo, 1962, p. 1-165.
- RUSSEL, Bertrand
- 1976 *Nosso conhecimento do mundo exterior*. Estabelecimento de um campo para estudos sobre o método científico em filosofia [Our knowledge of the external world; as a field for scientific method in philosophy]; trad. R. Haddock Lobo. São Paulo, Nacional, 1966.
- 1977 *História da filosofia ocidental*. Vol. I: *A filosofia antiga* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- 1977b *História da filosofia ocidental*. Vol. II: *A filosofia católica* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- 1977c *História da filosofia ocidental*. Vol. III: *A filosofia moderna* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de
- 1912 *Loucura*. 3ª ed. Lisboa, Rolim, s.d.
- 1974 *Todos os poemas*. Org. Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1974.
- SALLES, David

- 1980 *Do ideal às ilusões*. Alguns temas da evolução do romantismo brasileiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1980.
- SANTAELLA, Lúcia
 1985 *O que é semiótica*. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.
 1986 *Convergências*; poesia concreta e tropicalismo. São Paulo, Nobel, 1986.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de
 1985 *Como se faz literatura*. Petrópolis, Vozes / IBASE, 1985.
- SANTOS, Wendel
 1977 *Crítica sistemática*. Goiânia, Oriente / Universidade Federal de Goiás / Secretaria de Educação e Cultura, 1977.
 1978 *A construção do romance em Guimarães Rosa*. São Paulo, Ática, 1978.
 1978b *Os três reais da ficção*. Petrópolis, Vozes, 1978.
- SAPIR, Edward
 1954 *A linguagem*; introdução ao estudo da fala [Language: an introduction to the study of speech]; trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Instituto Nacional do livro – INL, 1954.
- SARAMAGO, José
 1985 *O ano da morte de Ricardo Reis*. 6ª ed. Lisboa, Caminho, 1985.
- SARTRE, Jean-Paul
 1982 *A imaginação* [L'imagination]; trad. Luiz Fortes, 1982.
- SAUSSURE, Ferdinand de
 1916 *Curso de linguística geral* [Cours de linguistique generale]; trad. Antonio Chelini et alii. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- SCHILLER, Friedrich
 1963 *Cartas sobre a educação estética da humanidade* [Über die Ästhetische Erziehung des Menschen]; trad. Anatol Rosenfeld. São Paulo, Herder, 1963.

SHAFF, Adam

- 1968 A definição funcional de ideologia e o problema do 'fim do século da ideologia'. *Documentos*, n° 2, São Paulo, 1968, p. 7-23.
- 1974 *Linguagem e conhecimento* [Język a Poznanie]; trad. Manuel Reis (do texto francês estabelecido por Claire Brendel. Coimbra, Almedina, 1974.
- 1975 A gramática generativa e a concepção das ideias inatas. In SHAFF et alii: *Linguística, sociedade e política*; trad. Ana M^a Brito & Gabriela Matos. Lisboa, Edições 70, 1975, p. 9-43.
- 1976 La objetividad del conocimiento a la luz de la sociología del conocimiento y del análisis del lenguaje. In: VERÓN, Eliseo (Selección). *El proceso ideológico*. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 3^a ed., 1976, p. 47-79.
- 1978 *História e verdade* [Histoire et verité]; trad. M^a Paula Duarte. São Paulo, Martins Fontes, 1978.

SECCHIN, Antonio Carlos

- 1983 *Elementos*; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.

SEIXAS, Cid

- 1974 Poética, uma subversão linguística, segundo Jakobson. *Jornal de Cultura*, n° 11. Salvador, *Diário de Notícias*, 7 abr. 74, p. 5.
- 1977 *O significando; superação da dicotomia do signo linguístico na semiótica poética*. Rio de Janeiro, comunicação ao XV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, 1977.
- 1977b A subjetividade como o elemento formativo da linguagem poética. *Minas Gerais Suplemento Literário*, n° 582. Belo Hozironte, 1977, p. 6-7.
- 1978 A falência do estruturalismo ou a remissão dos pecados do objeto. *Minas Gerais Suplemento Literário*, n° 612.

- Belo Horizonte, 1978, p. 6-7. Revisto e republicado em *Veritas*. Revista da PUC do Rio Grande do Sul, vol. XXV, n° 98. Porto Alegre, jun. 80, p. 194-200.
- 1978b A linguagem dos sentidos na poética musical de Stravinsky. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Vol. II, n° 5, Rio de Janeiro, 1978, p. 26-31.
- 1978c *O signo selvagem; metapoema*. Salvador, Margem; Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.
- 1978d Manifesto à aldeia marginal: a ideologia contestatória da arte como signo selvagem. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Vol. III, n° 10. Rio de Janeiro, jul./set. 79, p. 45-46.
- 1979 A ideologia da linguagem como criação literária. *Encontros com a Civilização Brasileira*, vol. 9. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p. 153-160.
- 1980 Sobre o conto e o poema; a contribuição da crítica. *Minas Gerais Suplemento Literário*, n° 732. Belo Horizonte, 4 nov. 80, p. 5.
- 1980b A ideologia do signo na ficção de Herculano. VI ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA (Assis, 16 a 19 de agosto de 1978): *Conferências e comunicações*. Assis, UNESP, 1980, p. 262-265.
- 1981 *O espelho de Narciso*. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / Brasília, Instituto Nacional do Livro-INL, 1981.
- 1981b Sua neurose é uma obra de arte ou sua obra de arte é uma neurose? *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XIV, n° 745. Belo Horizonte, 10 jan. 81, p. 6.
- 1982 Da presença de Eros na poesia romântica. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XV, n° 829. Belo Horizonte, 21 ago. 82, p. 6-7.

- 1982b O desatino e a lucidez da criação. Fernando Pessoa e a neurose como fonte poética. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XV, nº 835. Belo Horizonte, 2 out. 82, p. 1-2.
- 1983 *Do inconsciente à linguagem*. As ordenações semióticas do difuso e a linguagem como condição da consciência na teoria freudiana. São Paulo (Trabalho apresentado à Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da USP), 1983.
- 1984 Uma estética marxista: Della Volpe. *Estudos linguísticos e literários*, nº 1. Salvador, Universidade Federal da Bahia, mai. 84, p. 93-101.
- 1985 A obra literária como espaço de transgressão. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XX, nº 1.003. Belo Horizonte, 21 dez 85, p. 3.
- 1989 A encenação do desejo no discurso da arte. *Minas Gerais Suplemento Literário*, nº 1130. Belo Horizonte, 16 set. 89, p. 2-3.
- 1989b Miguel Torga. O conto como metáfora da criação artística. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XIX, nº XIX, n. 901. Belo Horizonte, 7 de jan. 84, p. 45-46 *Quinto Império*. Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, nº 1. Salvador, Gabinete Portugues de Leitura, 2º semestre de 89, p. 31-41).
- 1989c Poesia e conhecimento em Fernando Pessoa. *Quinto Império*; Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, nº 2, Salvador, Gabinete Portugues de Leitura / Associação de Estudos Portugueses Hélio Simões, 1989, p. 21-44.
- 1997 *O lugar da linguagem na teoria freudiana*; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)
- 2016 *Castro Alves e o reino de eros*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/eros>.

- 2016b *Stravisky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/stravisky>.
- 2016c *Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>.
- SEIXO, M^a Alzira
1986 O Livro do desassossego e as ficções da intimidade. In: *A palavra no romance*. Ensaios de genologia e análise. Lisboa, Horizonte, 1986.
- SENA, Jorge de
1984 *Fernando Pessoa & C^a Heterónima* (Estudos coligidos, 1940-1978), prefácio e organização de Mécia de Sena. 2^a ed. Lisboa, Edições 70, 1984.
- SIMÕES, João Gaspar
1931 *O mistério da poesia*. Ensaios de interpretação da gênese poética. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.
1983 *Fernando Pessoa. Breve história da sua vida e da sua obra*. Lisboa, Difel, 1983.
- SOURIAU, Etienne: *Chaves da estética* [Cleps pour l'esthétique]; trad. Asearina Belém. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.
- SPERBER, Dan
1978 *O simbolismo em geral* [Le symbolisme en général]; trad. Frederico Barros & Oswaldo Xidieh. São Paulo, Cultrix, 1978.
- STALIN, J.
1950 *Sobre o marxismo na linguística*. Santo André. Centro de Cultura Operária, s. d.
- STAROBINSKI, Jean
1974 *As palavras sob as palavras*. Os anagramas de Ferdinand de Saussure [Les mots sous les mots]; trad. Carlos Vogt. São Paulo, Perspectiva, 1974.

- SUASSUNA, Ariano
 1975 *Iniciação à estética*. Recife, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1975.
- TABUCCHI, Antonio
 1984 *Pessoana mínima*. Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984.
- TALES DE MILETO et alii
 1978 *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Seleção de José Cavalcante de Souza, trad. J. C. de Souza et alii. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- TELES, Gilberto Mendonça
 1972 *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Apresentação crítica dos principais manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. Petrópolis, Vozes, 1972.
- TODOROV, Tzvetan
 1970 *Estruturas narrativas*, trad. Leyla Perrone-Moisés. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1970.
 1973 *Literatura e significação* [Littérature et signification]; trad. Antonio José Massano. Lisboa, Assírio & Alvim, 1973.
 1976 *Estruturalismo e poética* [Qu'est-ce que le structuralisme? Poétique], trad. José Paulo Paes & Frederico Pessoa de Barros. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1976.
- TODOROV et alii
 1972 *Semiologia e linguística*. Seleção de ensaios da revista "Communications". 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1972.
 1977 *Linguagem e motivação*. Uma perspectiva semiológica; org. e trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski et alii. Porto Alegre, Globo, 1977.
- TOMACHEVSKY, Boris
 1971 Temática, in: ENKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 169-204.

- TOMÁS DE AQUINO, Santo
 1979 *Compêndio de teologia* [Compendium theologiae]; trad. Luís J. Baraúna, in TOMÁS DE AQUINO et alii: *Seleção de textos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 69-101.
- 1979b Textos da suma teológica [Summa theologica]; trad. Alexandre Correia, in: TOMÁS DE AQUINO et alii. *Seleção de textos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 103-146.
- TABUCCHI, Antonio
 1984 *Pessoana mínima*. Escritos sobre Fernando Pessoa; trad. Antonio Tabucchi et alii. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- TRINDADE, Liana S.
 1978 Analogia entre linguagem e sociedade: sobre a origem e desenvolvimento da linguagem. In: *As raízes ideológicas das teorias sociais*. São Paulo, Ática, 1978, p. 106-109.
- TROTSKY, Leon
 1971 A escola poética formalista e o marxismo, in: EIKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 71-85.
- TYNIANOV, Júri & JAKOBSON, Roman
 1971 Os problemas dos estudos literários e linguísticos, in: EIKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-97.
- ULLMANN, Stephen
 1970 *Semântica. Uma introdução à ciência do significado* [Semantics: An introduction to the science of meaning]; trad. Osório Mateus. 2ª ed., Lisboa, Gulbenkian, 1970.
- VÁRIOS AUTORES
 1963 Respostas a algumas questões. Respostas de Claude Lévi-Strauss a questões formuladas por Paul Ricoeur, Marc

- Goboriau, Mikel Dufrenne, Jean-Pierre Faye, Kostas Axelos, Jean Lautman, Jean Cusnier, Pierre Hadot e Jean Conilh, no último encontro do “Groupe philosophique” de *Esprit*, em junho de 1963. In: LIMA, Luis Costa. *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 192-220.
- VELHO, Gilberto & CASTRO, E. B. Viveiros de
1978 O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica, *Artefato*, n° 1, Rio de janeiro, Conselho Estadual de Cultura, 1978, p. 4-9.
- VICO, Giambattista
1725 *Princípios de uma ciência nova* [Principi di aienza nuova]; trad. Antonio Prado. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- VOGT, Carlos
1977 *Linguagem e poder*. Campinas, UNICAMP, 1977, 19 p. (Policopiado).
- WARTBURG, Walther von & ULLMANN, Stephen
1943 *Problemas e métodos da linguística* [Problèmes et méthodes de la linguistique]; traduzido do francês por Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo, Difel, 1975.
- WELLEK, René
1965 *Conceitos de crítica* [Concepts of criticism]; trad. Oscar Mendes. São Paulo, Cultrix, s. d.
- WELLEK, René & WARREN, Austin
1971 *Teoria da literatura* [Theory of literature]; trad. José Palla e Carmo. 2ª ed., Lisboa, Europa-América, 1971.
- WITTGENSTEIN, Ludwig
1968 *Tractatus logico-philosophicus*; trad. e apresentação de José Arthow Giannotti. São Paulo, Nacional, 1968.
1972 *Investigações filosóficas* [Philosophische Untersuchungen], trad. José Carlos Broni. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979.

LIVROS DO AUTOR

POESIA

Temporário; poesia. Salvador, Cimape, 1970 (Coleção Autores Baianos, 3).

Paralelo entre homem e rio: Fluviário; poesia. Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1972.

O signo selvagem; metapoema. Salvador, Margem / Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

Fonte das pedras; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.

Fragmentos do diário de naufrágio; poesia. Salvador, Oficina do Livro, 1992.

O espelho infiel; poesia. Rio de Janeiro, Diadorim, 1996.

ENSAIO E CRÍTICA

O espelho de Narciso. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*; ensaio. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1981.

- A poética pessoana: uma prática sem teoria*; ensaio. Salvador, CEDAP; Centro de Editoração e Apoio à Pesquisa, 1992.
- Godofredo Filho, irmão poesia*; ensaio. Salvador, Oficina do Livro, 1992. (Tiragem fora do comércio.)
- Poetas, meninos e malucos*; ensaio. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1993. (Cadernos Literatura & Linguística, 1.)
- Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo*; ensaio crítico. Salvador, CEDAP, 1993.
- Literatura e intertextualidade*; ensaio. Salvador, CEDAP, 1994.
- Herberto Sales. Ensaio sobre o escritor*. Salvador, Oficina do Livro, 1995.
- O viajante de papel*. Perspectiva crítica da literatura portuguesa. Salvador, Oficina do Livro, 1996.
- Triste Bahia, oh! quão dessemelhante*. Notas sobre a literatura na Bahia. Salvador, Egba; Secretaria da Cultura, 1996.
- O lugar da linguagem na teoria freudiana*; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)
- O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga*; ensaios. Salvador, Oficina do Livro, 1999.
- O trovadorismo galaico-português*; ensaio crítico e antologia. Feira de Santana, UEFS, 2000.
- Três temas dos anos trinta*; textos de crítica literária. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Cadernos de sala de aula, 1)
- Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira*. Org., intr. e notas Rubens Alves Pereira e Elvya Ribeiro Pereira. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Col. Literatura e diversidade Cultural, 10)
- Desatino romântico e consciência crítica*. Uma leitura de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. 2ª ed. Salvador, Rio do Engenho, 2016.
- Da invenção à literatura. Textos de filosofia da linguagem*. Salvador, Rio do Engenho / Copenhagen, E-Book.Br, 2017.

NO EXTERIOR

The savage sign / O signo selvagem; poesia; trad. Hugh Fox. Lansing, Ghost Dance, 1983. (Edição bilingue norte-americana.)

E-BOOKS

Desatino romântico e consciência crítica. Uma leitura de Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2014. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/camilo>

O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga, 2 ed. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/torga>

Literatura e intertextualidade. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/docs/intertextualidade>

Noventa anos do modernismo na Feira de Santana de Godofredo Filho. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/godofredofilho>

Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira. 2 ed., Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/cidseixas1/docs/cabra-cega>

Da invenção à literatura. Textos de teoria e crítica. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/invencao>

Orpheu em Pessoa. Org. Cid Seixas e Adriano Eysen. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/orpheu>

Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016.

- Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>
- A *Literatura na Bahia*. Livro 1: *Tradição e Modernidade*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/tradicaomoderidade>
- 1928: *Modernismo e Maturidade*. Livro 2 de *A Literatura na Bahia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/1928>
- Três Temas dos Anos 30*. Livro 3 de *A Literatura na Bahia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/anos30>
- A *essência ideológica da linguagem*. Livro I de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem1>
- Linguagem e conhecimento*. Livro II de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem2>
- Sob o signo do estruturalismo*. Livro III de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem3>
- O contrato social da linguagem*. Livro IV de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem4>
- A Linguagem: do idealismo ao marxismo*. Livro V de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem5>
- Stravinsky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções*. Copenhagen, Issuu, E-Book. Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/stravinsky>

- Castro Alves e o reino de eros*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/eros>
- Espaço de convenção e espaço de transgressão*. Livro I de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/1.espaco>
- A construção do real como papel da cultura*. Livro II de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixasr/docs/2.construcao>
- A poesia como metáfora do conhecimento*. Livro III de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/3.poesia>
- O signo poético, ficção e realidade*. Livro IV de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/4.signo>
- Do sentido linear à constelação de sentidos*. Livro V de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/5.sentido>
- O Eco da interdição ou o signo arisco*. Livro VI de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/6.eco>
- A poética pessoana: uma prática sem teoria*. Livro VII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/6.poetica>
- O desatino e a lucidez da criação em Pessoa*. Livro VIII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/8.desatino>

Uma utopia em pessoa: Caeiro e o lugar de fora da cultura.
Livro IX de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/9.caeiro>



Cid Seixas é jornalista e escritor. Antes de se tornar professor universitário, atuou na imprensa como repórter, *copy desk* e editor, trabalhando em rádio, jornal e televisão. Fundou e dirigiu um dos mais qualificados suplementos literários, o *Jornal de Cultura*, publicado pelo antigo Diário de Notícias. Graduado pela UCSAL, Mestre pela UFBA e Doutor em Literatura pela USP. Na área de editoração, dedica-se a planejamento e projeto de livros e outras publicações. Além de ter colaborado com jornais e revistas especializadas, entre os quais *O Estado de S. Paulo* e a *Colóquio*, de Lisboa, assinou, durante cinco anos, a coluna “Leitura Crítica”, no jornal *A Tarde*.

É Professor Titular aposentado da Universidade Federal da Bahia e Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana, onde atuou nos projetos de criação do Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, bem como da UEFS Editora.

DO SENTIDO LINEAR À CONSTELAÇÃO DE SENTIDOS

Enquanto se pensa, construir o material do pensamento durante o processo de pensar, seria antieconômico e atrofiaria o próprio processo. A construção do material durante o pensar conduziria a um devaneio da razão.

Sabemos que o pensamento consciente é marcado por uma certa precisão ou objetividade, imposta pelos limitados e úteis contornos das significações linguísticas. Eles servem de marcos iniciais para a viagem do sujeito, rumo ao desconhecido e aos buracos negros do inconsciente que nos fala e governa.

<https://issuu.com/cidseixas/docs/5.sentido>

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL